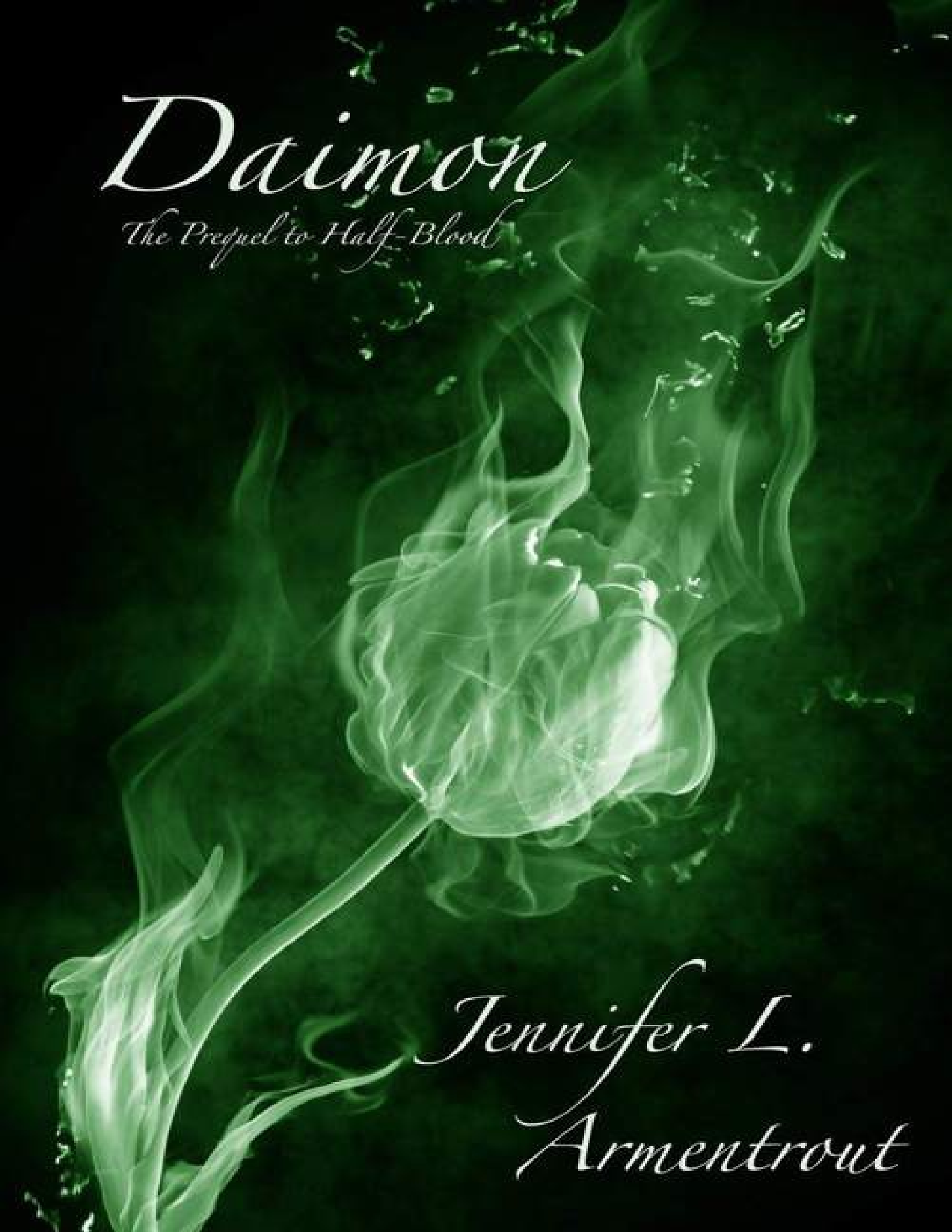

Daimon
The Prequel to Half-Blood
Jennifer L.
Armentrout

Daimon

The Prequel to Half-Blood by

Jennifer L. Armentrout

Daimon

Série Covenant 0.5 - Jennifer L. Armentrout



Antes

Capítulo Um

Ela cheirava a naftalina e morte.

A idosa ministra Hematoi de frente para mim parecia que tinha acabado de se arrastar para fora do túmulo em que tinha estado escondida nos últimos duzentos anos.

Sua pele estava enrugada e fina, como velho pergaminho, e cada respiração que dava eu jurava que seria sua última. Eu nunca tinha visto ninguém tão velho, mas claro, eu tinha apenas sete anos na altura e até mesmo o cara da pizza parecia velho para mim.

A multidão murmurou a sua desaprovação atrás de mim; eu tinha esquecido que simples mestiços como eu não deveriam olhar um Ministro nos olhos. Como os purossangues descendiam de semideuses, os Hematoi tinham enormes egos.

Olhei para minha mãe, que estava ao meu lado no palanque. Ela era um dos Hematoi, mas não era nada como eles. Seus olhos verdes brilharam com um olhar que suplicava para eu cooperar, para não ser a incorrigível e desobediente menina que ela sabia que eu podia ser.

Eu não sabia por que ela estava tão assustada; era eu que estava de frente para a guarda da cripta. E se eu sobrevivesse a esta pobre desculpa de tradição sem acabar a carregar o penico desta bruxa para o resto da minha vida, seria um milagre digno dos deuses que supostamente estavam cuidando de todos nós.

— Alexandria Andros? — A voz da Ministra soou como lixa sobre madeira áspera. Ela estalou sua língua. — Ela é muito pequena. Seus braços são magros como os rebentos de novos ramos de oliveira. — Ela se inclinou para me estudar mais de perto, e eu meio que esperava que ela caísse no meu rosto. — E seus olhos, eles são da cor de sujeira, dificilmente notável. Ela quase não tem nenhum sangue de Hematoi nela. É mais mortal do que qualquer um que vimos hoje.

Os olhos da Ministra eram da cor do céu antes de uma tempestade violenta.

Eles eram uma mistura de roxo e azul, um sinal de sua herança. Todos os Hematoi tinham cores de olhos surpreendentes. A maioria dos meios-sangues também tinha, mas por algum motivo eu tinha perdido o barco de cores de olhos legais quando nasci.

As afirmações continuaram durante o que pareceu uma eternidade para mim e tudo em que eu conseguia pensar era sorvete e talvez tirar uma soneca.

Outros Ministros haviam descido para me analisar, sussurrando uns aos outros enquanto me circulavam. Eu continuei olhando para minha mãe e ela sorria de forma reconfortante, deixando-me saber que tudo isso era normal e que eu estava indo bem ótima, até.

Isso, até a velha senhora começar a beliscar cada pedaço da minha pele exposta e mais um pouco. Eu sempre tive essa coisa sobre ser tocada. Se eu não tocava em alguém, então eu acreditava que eles não deviam me tocar. Vovó tinha, aparentemente, perdido esse memorando.

Ela estendeu a mão e beliscou minha barriga através de meu vestido com os dedos ossudos. — Ela não tem carne. Como podemos esperar que ela lute e nos defenda? Ela não é digna de treinar no Covenant[1] e servir ao lado dos filhos dos deuses.

[1] Pode ser traduzido como Pacto ou Aliança, mas vamos manter em inglês ao longo da série.

Eu nunca tinha visto um deus, mas minha mãe me disse que eles estavam sempre entre nós, sempre observando. Eu também nunca tinha visto um pegasus ou uma quimera, mas ela jurava que também existiam. Mesmo com sete anos eu tinha tido dificuldade em acreditar nas histórias; tinha esticado a minha fé incipiente aceitar que os deuses ainda se preocupavam com o mundo que tão diligentemente preenchiam com seus filhos de uma maneira que só os deuses podiam.

— Ela não é nada mais do que uma patética pequena meio-sangue, — A antiga mulher tinha continuado. — Eu digo para a mandarmos para os

Mestres. Estou precisando de uma menina para limpar o meu banheiro.

Então ela tinha torcido os dedos cruelmente.

E eu tinha chutado a sua canela.

Eu nunca esquecerei o olhar no rosto de minha mãe, como se ela tivesse sido congelada entre o terror e o pânico total, pronta para correr entre eles e arrancar-me de lá para fora. Houve alguns arfares de indignação, mas houve também algumas risadas profundas.

— Ela tem fogo, — um dos Ministros do sexo masculino tinha dito. Outra pisou para a frente, — Ela vai servir bem como Guarda, talvez até mesmo uma sentinela.

Até hoje eu não tinha idéia de como tinha provado a minha dignidade depois de chutar a Ministra na perna. Mas eu tinha. Não que isso significasse absolutamente nada agora que eu tinha dezessete anos e tinha estado longe do mundo dos Hematoi pelos últimos três anos. Mesmo no mundo normal eu não tinha parado de fazer coisas estúpidas.

Na verdade, eu era propensa a atos de estupidez. Considerava-o um dos meus talentos.

— Você está fazendo de novo, Alex. — A mão de Matt apertou a minha.

Eu pisquei lentamente, trazendo seu rosto em foco. — Fazer o quê?

— Você tem esse olhar em seu rosto. — Ele me puxou contra o peito, serpenteando um braço em volta da minha cintura. — É como se estivesse pensando em algo universalmente profundo. Como se a sua cabeça estivesse a mil milhas de distância, em algum lugar nas nuvens, em um planeta diferente ou algo assim.

Matt Richardson queria se juntar à Greenpeace e salvar algumas baleias.

Ele era o menino bonito da porta ao lado, que tinha jurado não comer carne

vermelha.

Que seja. Ele era a minha atual tentativa de me misturar com os mortais, e ele tinha me convencido a fugir e ir para uma fogueira na praia com um bando de pessoas que eu mal conhecia.

Eu tinha mau gosto para garotos.

Anteriormente, eu estive apaixonada por um acadêmico taciturno, que escrevia poemas nas costas de seus livros de escola e dava um jeito ao seu cabelo preto tingido para que ele cobrisse os seus olhos cor de avelã. Ele escreveu uma canção sobre mim. Eu ri, e essa relação tinha terminado antes mesmo de começar. O ano anterior que foi provavelmente o mais embaraçoso - o capitão de futebol amador com cabelo loiro lixivia e os olhos céu azul. Meses se passaram connosco mal trocando um ‘hey’ e ‘você tem um lápis?’ antes de termos, finalmente, nos encontrado em uma festa. Nós conversámos. Ele me beijou e atacou meus seios, o tempo todo cheirando a cerveja barata. Eu soquei e quebrei o seu maxilar. Mãe tinha me levado para uma *cidade* diferente e depois lecionou-me sobre não bater tão forte quanto eu conseguia, lembrando-me que uma garota normal não poderia dar socos assim.

Garotas normais também não queriam que seus peitos fossem atacados, e eu acreditava totalmente que se elas pudessem dar um soco como eu, elas teriam dado.

Sorri para Matt. — Não estou pensando em nada.

— Você não está pensando? — Matt baixou a cabeça. As pontas de seus cabelos loiros fizeram cócegas nas minhas bochechas. Graças aos deuses que ele tinha superado a fase de ‘tentar deixar crescer dreads[2]’. — Nada acontecendo nessa sua bonita cabeça?

Alguma coisa estava acontecendo na minha cabeça, mas não era o que Matt esperava. Enquanto eu olhava em seus olhos verdes, pensei sobre a minha primeira paixão - o proibido cara mais velho com os olhos cor nuvem de tempestade, tão fora de minha liga que poderia muito bem ser de uma espécie diferente.

Tecnicamente, acho que ele era.

Mesmo agora, eu queria chutar a minha própria cara por isso. Eu era como uma personagem de romance, pensando que o amor vence tudo e toda essa baboseira. Com certeza. Amor no meu mundo normalmente acabava com alguém ouvindo ‘eu feri-te!’ enquanto era amaldiçoada a ser alguma triste flor para o resto de sua vida.

Os deuses e seus filhos podiam ser mesquinhos assim.

Às vezes eu me perguntava se minha mãe tinha percebido a minha obsessão crescente com o cara puro-sangue e foi por isso que ela arrastou minha bunda feliz para fora do mundo que eu conhecia - o mundo a que eu realmente pertencia. Puros estavam *tão* fora dos limites para mestiços como eu.

[2] O dreadlock é uma forma de se manter os cabelos que se tornou mundialmente famosa com o movimento rastafari, consiste em bolos cilíndricos de cabelo que aparentam "cordas" pendendo do topo da cabeça.

— Alex? — Matt roçou os lábios sobre o meu rosto, movendo-se muito lentamente em direção a meus lábios.

— Bem, talvez alguma coisa. — Levantei-me para as pontas dos meus dedos dos pés e circulei meus braços em volta do pescoço dele. — Você pode adivinhar o que estou pensando agora?

— Que você gostaria de não ter deixado seus sapatos ao pé do fogo, porque eu penso assim. A areia é muito fria. O aquecimento global é uma cadela.

— Não é o que eu tinha em mente.

Ele franziu o cenho. — Você não está pensando em aula de história, não é? Isso seria meio patético, Alex.

Eu serpenteei para fora do seu alcance, suspirando. — Não se preocupe, Matt.

Rindo, ele estendeu a mão e passou os braços novamente ao meu redor.

— Eu estou apenas brincando.

Duvidoso, mas eu deixei-o baixar seus lábios nos meus. Sua boca era quente e seca, o máximo que uma garota poderia pedir de um rapaz de dezessete anos. Mas para ser justa, Matt beijava malditamente bem. Seus lábios se moviam contra os meus devagar e quando ele os abriu, não o soquei no estômago nem nada assim. Respondi ao beijo.

As mãos de Matt desceram para meus quadris e ele baixou-me para a areia, apoiando-se com um braço enquanto pairava sobre mim e espalhava beijos sobre o meu queixo, na minha garganta. Olhei para o céu escuro cheio de estrelas brilhantes e poucas nuvens. Uma bela noite uma noite normal, eu percebi. Havia algo de romântico sobre tudo, na maneira como ele acariciou minha bochecha quando sua boca voltou à minha e sussurrou meu nome como se eu fosse algum tipo de mistério que ele nunca seria capaz de descobrir.

Eu me senti quente e agradável, não excitada do tipo rasgue-minhas-roupas-etranse-comigo, mas isso não era ruim. Eu poderia me acostumar com isso. Especialmente quando fechei olhos e imaginei os olhos de Matt virando cinza e seu cabelo ficando muito, muito mais escuro.
Então ele enfiou a mão sob a barra do meu vestido de verão.

Meus olhos se abriram e eu rapidamente estendi a mão, tirando sua mão de entre minhas pernas. — Matt!

— O quê? — Ele levantou a cabeça, os olhos de um verde-escuro. — Por que você me parou?

Por que eu o parei? De repente, me senti como a Senhorita Princesa da Pureza guardando sua virgindade dos meninos desobedientes. *Porquê?* A resposta, na verdade, veio a mim muito rapidamente. Eu não queria desistir da minha virgindade em uma praia com areia se enfiando em lugares inadequados. Minhas pernas já se sentiam como se tivessem sido bem esfoliadas.

Mas era mais do que isso. Eu realmente não estava no aqui e agora com Matt,

não quando eu o estava imaginando com olhos cinzentos e cabelos escuros, querendo que ele fosse outra pessoa.

Alguém que eu nunca iria ver de novo... e nunca poderia ter.

Capítulo Dois

—Alex? — Matt fuçou um ponto no meu pescoço. — O que foi?

Usando um pouco da minha força natural, eu o rolei de cima de mim e sentei. Eu reajustei o topo do meu vestido, grata pela escuridão. — Desculpe. Eu só não estou afim disso agora.

Matt ficou deitado ao meu lado, olhando para o céu como eu fiz momentos atrás. — Eu... Eu fiz algo errado?

Meu estômago revirou e pareceu engraçado. Matt era um cara tão legal. Eu me virei para ele, segurando sua mão. Entrelacei meus dedos nos dele, da maneira que ele gostava. — Não. De jeito nenhum.

Ele puxou sua mão livre e esfregou-a na testa. — Você sempre faz isso.

Franzi a testa. Faço?

— Não é só isso. — Matt sentou-se, soltando seus longos braços sobre os joelhos dobrados. — Eu não sinto que conheço você, Alex. Você sabe, saber de verdade quem você é. E nós estamos namorando há quanto tempo?

— Dois meses. — Eu esperava que estivesse correto. Então eu me senti uma merda por dar um palpite. Deuses, eu estava virando uma pessoa horrível.

Um pequeno sorriso puxou em seus lábios. — Você sabe tudo sobre mim. Quantos anos eu tinha quando entrei num clube pela primeira vez. Para que faculdade eu quero ir. As comidas que odeio e como eu não suporto bebidas carbonatadas. A primeira vez que eu quebrei um osso…
— Caindo de seu skate. — Me senti bem em lembrar isso.

Matt riu suavemente. — Sim, está certo. Mas eu não sei nada sobre você.

Eu o cutuquei com meu ombro. — Isso não é verdade…

— É sim. — Ele me encarou, o sorriso em seu rosto sumindo. — Você nunca fala sobre si mesma.

Okay. Ele tinha um ponto, mas não é como se eu pudesse contar algo pra ele. Eu poderia me ver agora. *Adivinha? Você já assistiu Fúria de Titãs ou leu alguma fábula Grega? Bem, esses deuses são reais e sim, eu sou um tipo de descendente deles. Assim como o enteado que ninguém quer reivindicar. Oh, e eu nunca estive em volta de mortais até três anos atrás. Nós ainda podemos ser amigos?*

Não vai acontecer.

Então eu encolhi os ombros e disse. — Realmente não há nada para contar. Eu sou muito entediante.

Matt suspirou. — Eu nem sei de onde você veio.

— Eu me mudei pra cá do Texas. Já te contei isso. — Fios de cabelo continuavam escapando da minha mão, soprando no meu rosto e por cima de seu ombro. Eu precisava cortar o cabelo. — Não é um grande segredo.

— Mas você nasceu lá?

Eu olhei para longe, assistindo o oceano. O mar estava tão escuro que parecia roxo e hostil. Eu puxei meu olhar para longe, e encarei a praia. Duas figuras caminhavam, claramente masculinas. — Não. — Eu disse finalmente.

— Então onde você nasceu?

Eu lutei contra o toque suave de aborrecimento enquanto me concentrava nos caras perto da costa, agachando-se quando o vento os pegou, e atirando-lhes com um brilho fino de água fria. Uma tempestade estava por vir.

— Alex? — Matt subiu para seus pés, balançando a cabeça. — Vê? Você não consegue nem me contar onde nasceu. O que há de errado nisso?

Minha mãe achava que quanto menos as pessoas sabiam sobre nós, melhor.

Ela era incrivelmente paranóica, acreditando que se alguém soubesse demais, então o Covenant nos encontraria. Isso seria algo tão ruim? Eu meio que queria que eles nos encontrassem, para colocar um fim nessa loucura.

Ficando frustrado, Matt arrastou os dedos pelo cabelo. — Acho que vou voltar para o grupo.

Eu o assisti se virar antes de me levantar. — Espere.

Ele se virou, sobrancelhas levantadas.

Eu respirei superficialmente, e então novamente. — Eu nasci nessa estúpida ilha que ninguém nunca ouviu falar. É fora da costa da Carolina do Norte.

Surpresa tremulou em sua feição e ele deu um passo em minha direção. — Que ilha?

— Sério, você não deve ter ouvido falar nela — Eu cruzei os braços sobre meu peito quando arrepios rastejaram sobre minha pele. — É perto da ilha de Bald Head.

Um largo sorriso se espalhou pelo seu rosto, e eu sabia que a pele ao redor de seus olhos estava enrugada como ficava sempre que estava extremamente feliz com algo. — Foi tão difícil?

— Sim. — Eu fiz beiço e então sorri, porque Matt tinha o tipo de sorriso que era contagiante, um sorriso que me lembrou do melhor amigo que eu não tinha visto em anos. Talvez fosse por isso que eu estava atraída por Matt. Meu próprio sorriso começou a desvanecer enquanto eu me perguntava o que meu ex-parceiro no caos estava fazendo agora.

Matt deixou as mãos caírem em meus braços, lentamente os descruzando. — Quer voltar? — Ele acenou para a praia, para o grupo de adolescentes aglomerados em torno da fogueira. — Ou ficar aqui...?

Ele tinha deixado a oferta aberta, mas eu sabia o que ele queria dizer. Fique aqui e beije um pouco mais, esqueça um pouco mais. Essa não parecia uma

má idéia. Eu me inclinei em sua direção. Por cima do ombro, vi os dois caras de novo. Eles estavam quase nos alcançando, e eu suspirei, agora os reconhecendo.

— Nós temos companhia. — Dei um passo para trás. Matt olhou acima do ombro para os dois garotos. — Ótimo. É Ren e Stimpy.

Eu ri da descrição precisa. Durante as poucas vezes que eu realmente encontrei a dupla horrível, me recusei a aprender os seus nomes reais. Ren era alto e magro, cabelo castanho escuro tão cheio de gel que poderia ser rotulado como uma arma perigosa na maioria dos estados. Stimpy era o mais baixo e largo dos dois, careca e construído como uma locomotiva. Os dois eram conhecidos por causar problemas onde quer que fossem, especialmente Stimpy e seu programa de musculação questionável. Eram dois anos mais velhos que nós, tendo se formado no colégio de Matt antes mesmo de eu pisar na Flórida. Mas eles ainda saem com o grupo jovem, alcançando sem dúvidas, garotas impressionantes. Haviam alguns rumores ruins sobre esses dois.

Mesmo à luz da lua pálida, eu poderia dizer que a pele deles era uma sombra laranja saudável. Seus sorrisos excessivamente amplos eram obscenamente brancos. O mais baixo sussurrou algo e eles bateram o punho um no outro.

Não inesperadamente, eu não gostava deles.

— Ei! — Ren chamou quando o vangloriamento do par reduziu. — Como vai, Matt, meu garoto?

Matt enfiou as mãos nos bolsos de sua bermuda. — Nada demais… vocês?

Ren olhou para Stimpy, e depois de volta para Matt. A camisa pólo rosa néon de Ren parecia pintada em seu corpo magro, visto que era pelo menos três tamanhos muito pequena. — Estamos apenas distraindo. Vamos para os clubes mais tarde. — Ren olhou para mim pela primeira vez, seus olhos vagando por cima de meu vestido e pelas minhas pernas.

Eu vomitei um pouco em minha boca.

— Eu vi você por aí algumas vezes. — Ren disse, balançando a cabeça para lá e para cá. Eu me perguntava se era um tipo de dança estranha de acasalamento. — Qual é o seu nome, doçura?

— Seu nome é Alex, — Respondeu Stimpy em seu olhar descarado de glória. — É um nome de garoto.

Eu sufoquei meu gemido. — Minha mãe queria um garoto.

Ren me encarou confuso.

— Na verdade é abreviação de Alexandria, — Matt explicou. — Ela só gosta de ser chamada de Alex.

Eu sorri para Matt, mas ele estava observando os dois rapazes de perto. Um músculo contraiu ao longo de sua mandíbula.

— Obrigado pelo esclarecimento, amigo. — Stimpy cruzou os seus enormes braços, examinando Matt.

Pegando o olhar de Stimpy, eu me desloquei para perto de Matt. Ren, ainda olhando para minhas pernas, fez um som que era um cruzamento entre um grunhido e um gemido. — Caramba, garota. Seu pai é um ladrão?

— O que? — Na verdade, eu nunca encontrei meu pai. Talvez ele fosse. Tudo o que eu sabia é que ele era um mortal. Esperançosamente, ele não era nada como esses dois bundões.

Ren flexionou os músculos inexistentes, sorrindo. — Bem, então quem roubou esses diamantes e os colocou em seus olhos?

— Wow. — Eu pisquei e me virei para Matt. — Porque você nunca disse algo tão romântico como isso para mim, Matt? Estou magoada.

Matt não sorriu como eu esperava. Seu olhar se mantinha saltando entre os dois, e eu podia ver suas mãos se embolando em punhos dentro dos bolsos. Havia uma certa borda em seus olhos, e seus lábios estavam puxados em uma

linha apertada. Minha diversão desapareceu num instante. Ele estava... *Com medo*?

Eu alcancei o braço de Matt. — Vamos, vamos voltar lá.

— Espere. — Stimpy bateu no ombro de Matt com força suficiente para ele tropeçar para trás alguns centímetros. — Um pouco rude vocês simplesmente fugirem.

Uma corrente de ar quente se arrastou até a minha coluna e se espalhou sobre a minha pele. Meus músculos ficaram tensos com antecipação. — Não toque nele. — Eu avisei suavemente.

Surpreendido, Stimpy baixou a mão e olhou pra mim. Então ele sorriu. — Ela é uma mandona.

— Alex, — Matt sibilou, olhando pra mim com os olhos amplos. — Está tudo bem. Não faça um grande negócio disso.

Ele não tinha me visto fazendo um grande negócio ainda.

— A atitude deve vir com o nome, — Ren riu. — Porque não vamos festejar? Eu conheço um segurança no Zero que pode nos colocar lá dentro. Nós todos podemos nos divertir. — Então ele me agarrou.

Ren pode ter pensado em fazer isso brincando, mas isso era seriamente o movimento errado. Eu ainda tinha um problema sério com ser tocada quando não queria. Peguei seu braço. — Sua mãe era jardineira? — Eu perguntei inocentemente.

— O que? — A boca de Ren estava ligeiramente aberta.

— Porque um rosto como o seu pertence plantado no chão. — Eu torci seu braço para trás. Choque cintilou sobre sua feição. Houve um segundo em que nossos olhares se bloquearam, e eu poderia dizer que ele não tinha certeza de como eu ganhei a vantagem tão rapidamente.

Fazia três anos que eu não lutava a sério com qualquer um, mas os músculos não utilizados acordaram e meu cérebro meio que desligou. Mergulhei debaixo do braço que eu segurava, trazendo-o comigo quando chutei seus joelhos com meu pé.

No próximo segundo, Ren comeu areia.

Capítulo Três

Olhando para o garoto esparramado de braços e pernas afastados na areia, percebi que eu meio que sentia saudade de lutar, especialmente a sensação da adrenalina e do sentimento ‘caramba, eu sou boa’ que vinha junto com acabar com alguém. Mas então de novo, lutar com mortais não era nada como lutar com minha própria espécie ou as coisas para que fui treinada a matar. Isso tinha sido fácil. Se ele fosse outro meio-sangue, eu poderia ter sido a única com a boca cheia de areia parecendo malditamente fraca.

— Jesus, — Matt sussurrou, recuando.

Olhei para cima, esperando ver um olhar de choque e alguma reverência vindo dele. Talvez até mesmo um polegar para cima. Nada, eu não obtive nada dele. No Covenant, eu teria sido aplaudida. Mas eu esquecia que não estava mais no Covenant.

O olhar mudo de Stimpy se movia de seu amigo para mim, e rapidamente se transformou em fúria. — Você atua como um homem? É melhor você ser capaz de tomar isso como um homem, sua puta.

— Oh. — Eu sorri quando o enfrentei totalmente. — É como em Donkey Kong[3].

[3] Jogo eletrônico.

Tendo a coisa óbvia de massa corporal como vantagem, Stimpy atacou. Mas ele não tinha sido treinado para lutar desde os sete anos de idade, e ele não tinha minha força e velocidade literamente dadas por Deus. Ele balançou um punho de carne para meu rosto e eu girei, saindo do caminho e plantando meu pé descalço em seu estômago. Stimpy dobrou, jogando as mãos enquanto tentava capturar meus braços. Eu pisei nele, agarrando seus braços e puxando-o para baixo quando trouxe minha perna para cima.

Sua mandíbula saltou para fora no meu joelho e eu o deixei ir, vendo-o cair na areia com um grunhido.

Ren tropeçou em seus pés, cuspindo areia. Ele oscilou e depois deu um soco em mim. Ele estava longe, e eu podia facilmente ter evitado isso. Inferno, eu podia tê-lo parado e ele não teria feito contato, mas eu estava num rolo agora.

Eu peguei seu punho, deslizando minha mão pelo seu braço. — Bater em garotas não é legal. — Me virei, usando o peso do corpo para lhe tirar o equilíbrio. Ele passou por cima do meu ombro, encarando a areia novamente.

Stimpy se levantou e cambaleou para seu amigo caído. — Vamos lá, cara. Levantese.

— Precisa de ajuda? — Eu ofereci com um sorriso doce.

Ambos os garotos desceram para a praia, olhando por cima dos ombros como se esperassem que eu saltasse em suas costas. Eu os assisti até desaparecerem na enseada, sorrindo pra mim mesma.

Virei-me para Matt, o vento soprando meu cabelo ao meu redor. Eu me senti viva pela primeira vez em... Bem, anos. *Eu ainda consigo chutar traseiros. Depois de todo esse tempo, eu ainda consigo*. Meu entusiasmo e confiança secaram e murcharam para longe no momento em que eu dei uma boa olhada no rosto de Matt.

Ele parecia horrorizado. — Como...? — Ele limpou a garganta. — Porque você fez isso?

— Por quê? — Eu repeti, confusa. — Parece bem claro pra mim. Aqueles garotos são idiotas.

— Sim, eles são idiotas. Todo mundo sabe disso, mas você não tinha que chutar os seus traseiros. — Matt me encarou, olhos amplos. — Eu só... Eu só não consigo acreditar que você fez aquilo.

— Eles estavam te incomodando! — Eu plantei minhas mãos no quadril, sem

ligar para o vento batendo meu cabelo no meu rosto. — Porque você está agindo como se eu fosse algum tipo de aberração?

— Tudo o que eles fizeram foi me tocar, Alex. Isso era motivo suficiente para mim mas, aparentemente, não suficiente para Matt.

— Ren me agarrou. Desculpe-me. Eu não estou de acordo com isso.

Matt apenas me encarou.

Eu mordi a série de palavrões que estavam se formando em minha mente. — Okay. Talvez eu não devesse ter feito tudo aquilo. Podemos apenas esquecer isso?

— Não. — Ele esfregou a nuca. — Aquilo foi esquisito demais pra mim. Desculpe Alex, mas aquilo foi simplesmente... Estranho.

Meu sempre tênue controlo sobre minha raiva, começou a enfraquecer. — Oh, então na próxima vez você quer que eu fique aqui e os deixe chutar sua bunda e me molestar?

— Você exagerou! Eles não iam chutar minha bunda ou te molestar! E não haverá próxima vez. Eu não estou *de acordo* com violência. — Matt balançou a cabeça e se virou para longe de mim, arando seus pés nos montes de areia, deixando-me em pé sozinha.

— Que diabos? — Eu murmurei e depois em voz alta. — Que seja! Vá salvar um golfinho ou coisa assim!

Ele girou de volta. — É uma baleia, Alex, *uma baleia*! É isso que estou interessado em salvar.

Eu joguei meus braços. — O que há de errado com salvar golfinhos?

Matt me ignorou nessa pergunta, e depois de dois minutos, eu realmente lamentei ter gritado aquilo. Eu passei como uma tempestade por ele para recuperar minhas sandálias e bolsa, mas fiz isso com graça e dignidade. Nem

uma única observação depreciativa ou palavrão escapou dos meus lábios firmemente selados.

Um casal de adolescentes olhou para nós, mas nenhum deles disse algo. Os poucos amigos que tinha no colégio eram os amigos de Matt, e eles gostavam de salvar baleias também. Não que houvesse algo de errado com salvar baleias, mas alguns deles jogavam suas garrafas de cerveja e embalagens de plástico no oceano. Muito hipócrita?

Matt apenas não entendia. Violência fazia parte de quem eu era como uma meiosangue, fixado em meu sangue desde o nascimento e treinado em cada músculo do meu corpo. Isso não significava que eu ia estapear e bater no corpo de alguém sem uma boa razão, mas eu revidaria. Sempre.

A caminhada para casa foi um saco.

Eu tinha areia entre meus dedos, no meu cabelo e até no meu vestido. Minha pele ardia em todos os lugares errados e tudo era uma droga. Olhando para trás, eu podia admitir que tinha exagerado um pouco. Ren e Stimpy não tinham sido particularmente ameaçadores. Eu poderia ter simplesmente deixado isso de lado. Ou agido como uma garota normal na situação e deixar Matt lidar com isso.

Mas eu não deixei.

Eu nunca deixei. Agora tudo estaria ferrado. Matt iria para a escola na segundafeira e diria a todos como eu fui a Princesa Xena Warrior para cima dos babacas. Eu teria que contar à minha mãe, e ela surtaria. Talvez ela insistisse em nos mudarmos novamente. Eu na verdade ficaria feliz com isso; não havia nenhuma maneira de poder voltar ao colégio e encarar o rosto daqueles adolescentes depois de Matt contar o que aconteceu. Eu não me importo que a escola vá terminar em algumas semanas, de qualquer jeito. Eu também não estava ansiosa pelo maior sermão que estava por vir.

Um que eu sabia que merecia.

Prendendo a pequena bolsa no meu pulso, peguei o ritmo. Normalmente as

luzes de néon dos clubes e os sons do desfile por perto me colocavam em um clima feliz, mas não essa noite. Eu queria dar um soco no meu próprio rosto.

Vivíamos a três quadras da praia, em um bangalô de dois andares que mamãe alugou de algum cara antigo que cheirava a sardinha. Era um pouco velho, mas tinha dois banheiros minúsculos. Ponto bônus aqui – nós não tínhamos que dividir. Não era exatamente no bairro mais seguro conhecido pelo homem, mas um lado duvidoso da cidade não era nada que pudesse assustar minha mãe ou eu.

Nós podíamos lidar com mortais malvados.

Eu suspirei enquanto navegava no calçadão ainda lotado. A vida noturna era uma coisa grande aqui. Tal como identidades falsas, corpos super-bronzeados e supermagros. Todos pareciam iguais para mim em Miami, que não era muito diferente da minha casa – minha real casa – onde uma vez eu tive um propósito de vida, um dever que eu era obrigada a cumprir.
E agora eu era totalmente uma perdedora.

Eu vivi em quatro cidades diferentes, e compareci em quatro colégios de ensino médio em três anos. Nós sempre pegamos cidades grandes para desaparecer e sempre vivemos perto da água. Até agora atraímos pouca atenção, e quando chamávamos, nós fugíamos. Minha mãe nunca me contou o porquê, nem uma única explicação. Depois do primeiro ano, eu parei de ficar irritada quando ela não me contava porque tinha vindo até a porta do meu quarto naquela noite e me contado que tínhamos que ir embora. Eu honestamente desisti de perguntar e tentei descobrir isso. Ás vezes eu a odeio por tudo isso, mas ela era minha mãe e aonde ela ia, eu ia.

Umidade se estabeleceu no ar, o céu escurecendo rapidamente até que nenhuma estrela brilhava. Atravessei a rua estreita e chutei o portão de ferro que circulava nosso quintal, de altura até a cintura**.** Recuei ao ouvir o barulho ao abrir, levando algum pavimento de arenito.

Eu parei na frente da porta, olhando para cima enquanto procurava na minha bolsa pela chave. — Porcaria, — eu sussurrei enquanto meus olhos rondavam pela pequena bancada de jardim. Flores e ervas cresciam feito loucas,

entornando seus potes de cerâmica e subindo pelas grades enferrujadas. Urnas vazias, que eu tinha agrupado em uma pilha semanas atrás, tinham virado. Era para eu ter limpado a bancada essa tarde.

Mãe estaria irritada por vários motivos pela manhã.

Suspirando, eu puxei as chaves e enfiei na fechadura. Eu tinha aberto metade da porta, agradecida por não ter rangido e gemido como tudo na casa fazia, quando senti a sensação mais estranha.

Arrepios subiram pela minha espinha, e depois desceram. Todos os pequenos pelos do meu corpo se levantaram quando a infalível sensação de estar sendo observada me atingiu.

Capítulo Quatro

Eu rapidamente me virei, meu olhar lançando-se além do pequeno

pátio. As ruas estavam vazias, mas o sentimento só aumentou. Desconforto corroeu meu estômago enquanto eu caminhei para trás da porta, passando os dedos em torno da borda. Ninguém estava lá, mas...

— Eu estou perdendo minha mente, — murmurei. —Estou ficando paranóica como minha mãe. Ótimo.

Fui para dentro, trancando a porta atrás de mim. A sensação estranha calmamente diminuiu enquanto eu caminhava na ponta dos pés pela casa em silêncio. Eu inalei e quase engasguei pelo aroma picante que enchia a sala de estar.

Gemendo, acendi a lâmpada ao lado do pobre e surrado sofá de segunda mão e olhei para o canto da sala. Sentado ao lado da nossa TV e da revista informativa da *EUA Weekly* estava Apollo.

Uma coroa de flores frescas enfeitava sua cabeça de mármore. Apesar de todas as coisas que minha mãe se esquecia de arrumar sempre que mudávamos de casa, ela nunca havia se esquecido dele.

Eu detestava a estátua de Apollo e sua fedida coroa de flores que minha mãe substituía a *cada* dia da minha vida. Não porque eu tivesse alguma coisa contra Apollo. Achava que ele era um deus muito legal visto que ele era tudo sobre ordem, harmonia e razão. Era apenas a coisa mais cafona que eu já vi na minha vida.

Era apenas o busto de seu peito e cabeça, mas gravado em seu peito havia uma lira, um golfinho, e — se isso não fosse suficiente sobrecarga simbólica para as massas — havia uma dúzia de pequenas cigarras empoleiradas em seu ombro. O que diabos significavam os insetos tão incômodos que estavam sempre zumbindo e ficando presos no cabelo das pessoas? Simbolizavam a

música e o canto como o inferno.

Eu nunca tinha entendido o fascínio da minha mãe com Apollo ou com qualquer um dos deuses. Eles tinham estado ausentes desde que os mortais decidiram que sacrificar suas filhas virgens era um ritual totalmente não legal. Eu não conhecia ninguém que já tivesse visto um deus. Eles correram por aí e criaram uma centena de semideuses e depois os deixaram ter bebês — os puros-sangues — mas nunca apareceram com presentes de aniversário para ninguém.

Segurando minha mão sobre o nariz, eu caminhei até a vela cercada por mais flores e soprei-a. Sendo um deus da profecia, eu me perguntava se Apollo tinha previsto isso. Ostentação à parte, o que era mostrado de seu peito de mármore era bastante bom de olhar.

Mais agradável do que o peito de Matt.

Que era algo que eu nunca poderia ver ou tocar novamente. Com isso em mente, eu peguei a caixa dupla de sorvete de chocolate no congelador e uma colher grande. Nem mesmo me incomodei com uma tigela, e subi os degraus irregulares.

Luz suave se derramava para fora da abertura entre a porta do quarto de minha mãe e o chão. Parando em frente à sua porta, olhei para o meu quarto e depois para o sorvete. Mordi o lábio inferior. Ela provavelmente já sabia que eu escapei mais cedo e se não, a areia cobrindo metade do meu corpo me entregaria. Mas eu odiava o fato de que minha mãe estava sozinha em casa numa sexta à noite. Mais uma vez. — Lexie? — A voz suave e doce chamou de trás da porta. — O que você está fazendo?

Cutuquei a porta e espiei dentro. Ela estava sentada apoiada na cabeceira da cama, lendo um desses romances obscenos com rapazes seminus na capa. Eu totalmente os roubava quando ela não estava olhando. Ao seu lado na mesa de cabeceira pequena estava um vaso de flores com hibisco. Eram suas favoritas. As pétalas roxas eram bonitas, mas o cheiro só vinha do óleo de baunilha que ela amava polvilhar sobre as pétalas.

Ela olhou para cima, com um leve sorriso no rosto. — Oi, querida. Bem-vinda em casa.

Eu levantei minha caixa de sorvete, encolhendo-me. — Pelo menos estou em casa antes da meia-noite.

— Isso deveria ser bom? — Ela prendeu-me com um olhar, seus olhos de esmeralda brilhavam sob a luz fraca.

— Não?

Minha mãe suspirou, deixando seu romance de lado. — Eu sei que você quer sair e estar com seus amigos, especialmente desde que você começou a ver aquele menino. Qual o nome dele? Mike?

— Matt. — Meus ombros caíram e eu olhei para o sorvete ansiosamente. — Seu nome é Matt.

— Matt. É isso mesmo. — Ela me deu um breve sorriso. — Ele é um menino muito bom, e eu entendo que você quer estar com ele, mas eu não quero você andando por Miami à noite, Lexie. Não é seguro.

— Eu sei.

— Eu nunca tive que... o que eles chamam? Quando privilégios são suspensos?

— Castigar. — Eu tentei não sorrir. — Eles chamam isso de castigar.

— Ah, sim. Eu nunca tive que te “castigar”, Lexie. Eu realmente não quero começar agora. — Ela tirou uma grossa mecha de seus cabelos ondulados castanhos do rosto, quando o seu olhar passeou por mim. — Por que, em nome dos deuses, você está coberta de areia?

Eu adentrei o quarto. — É uma longa história.

Se ela suspeitava que eu tinha rolado na areia com o menino, cujo nome ela sempre esquecia e, em seguida, tinha lutado com dois outros caras, ela não

me deixou perceber. — Quer falar sobre isso?

Dei de ombros.

Ela deu um tapinha na cama. — Vamos lá, querida.

Sentindo-se um pouco deprimida, sentei-me e coloquei minhas pernas debaixo de mim. — Sinto muito por ter fugido.

Seu olhar brilhante foi para o sorvete. — Eu acredito que você possa estar desejando nunca ter saído de casa...

— Sim. — Eu suspirei, abrindo a tampa e escavando dentro de um bocado de sorvete e disse: — Matt e eu... Não existe mais.

— Eu pensei que seu nome era Mitch.

Revirei os olhos. — Não, mãe, seu nome é Matt.

— O que aconteceu?

Olhando para ela era como me olhar no espelho, só que eu era mais como sua versão mundana. As maçãs do rosto eram mais nítidas, o nariz um pouco menor e os lábios mais exuberantes do que os meus. E ela tinha aqueles olhos incrivelmente verdes. Era o sangue mortal em mim que diluía a minha aparência. Tenho certeza de que meu pai deve ter sido bonito para chamar a atenção da minha mãe *que era casada*, mas tinha sido muito humano. Conectar-se com os seres humanos não era proibido por qualquer meio, principalmente porque as crianças — mestiços como eu — eram ativas e extremamente valiosas para os puros. Bem, eu não poderia ser considerada valiosa agora.

Agora eu era apenas... Eu não sabia mais o que era.

— Lexie? — Ela se inclinou para frente, pegando a colher e a embalagem das minhas mãos. — Eu vou comer e você me diz o que o menino idiota fez.

Eu sorri. — É tudo minha culpa.

Ela engoliu um pedaço gigantesco de sorvete. — Como sua mãe eu sou obrigada a discordar.

— Oh, não. — Eu descansei nas minhas costas e olhei para o ventilador de teto. — Você vai mudar de idéia sobre isso.

— Deixe-me ser a juíza disso.

Esfreguei as mãos sobre meu rosto. — Bem, eu meio que... Entrei em uma briga com dois rapazes na praia.

— O quê? — Eu senti a mudança na cama quando ela se endireitou. — O que eles fizeram? Eles tentaram machucá-la? Eles... Te tocaram de forma inadequada? — Oh! Deuses não, mamãe, então. — Eu abandonei minhas mãos, franzindo o cenho para ela. — Não foi assim. Não de verdade.

Fios grossos de cabelo explodiram em volta do rosto dela. Simultaneamente, todas as cortinas da sala levantaram, vindo em direção à cama. O livro ao lado dela voou para fora da cama e aterrissou em algum lugar no chão. — O que aconteceu, Alexandria?

Eu suspirei. — Nada disso, mãe. Ok? Acalme-se antes de explodir-nos em nossa própria casa.

Ela me olhou alguns instantes, e então os ventos cessaram.

— Exibicionista. — eu murmurei. Puros-sangues como minha mãe, podem comandar um dos elementos, um presente que os deuses haviam dado aos Hematoi.

Mamãe tinha uma coisa para o elemento do ar, mas ela não era muito boa em controlá-lo. Uma vez ela soprou o carro de um vizinho — tente explicar *isso* para a companhia de seguros. — Esses caras começaram a brincar com Matt e um deles me agarrou.

— Então o que aconteceu? — Sua voz soou calma.

Preparei-me. — Bem, eles meio que precisaram da ajuda um do outro para se levantar do chão.

Minha mãe não respondeu imediatamente a isso. Ousei um rápido olhar para ela e encontrei sua expressão relativamente em branco. — Quão ruim?

— Eles estão bem. — Eu alisei minhas mãos na frente do meu vestido. — Eu nem sequer os atingi. Bem, eu chutei um deles. Mas ele me chamou de puta, então eu acho que ele merecia. Enfim, Matt disse que eu exagerei e que não gostava de violência. Ele olhou para mim como se eu fosse uma aberração.

— Lexie...

— Eu sei. — Sentei-me e esfreguei as costas do meu pescoço. — Eu tive uma reação exagerada. Eu poderia ter simplesmente me afastado ou o que quer seja. Agora Matt não quer mais me ver e todas as crianças vão pensar que eu sou algum tipo de... Eu não sei, esquisita.

— Você não é uma esquisita, querida.

Eu dei-lhe um olhar divertido. — Há uma estátua de Apollo, em nossa sala de estar. E qual é... Eu nem sou da mesma espécie que eles.

— Você não é de uma espécie diferente. — Ela deixou a colher cair dentro da embalagem.

— Você é mais parecida com os mortais do que imagina.

— Eu não sei nada sobre isso. — Cruzei os braços, irritada. Após alguns segundos, olhei para ela. — Você não vai gritar comigo ou algo assim?

Ela arqueou uma sobrancelha e pareceu considerar. — Acho que você aprendeu que a ação nem sempre é a melhor resposta, e o menino a chamou de um nome tão feio...

Um sorriso lento puxou meus lábios. — Eles eram uns otários totais. Eu juro.

— Lexie!

— O quê? — Eu ri da sua expressão. — Eles eram. E otário não é um palavrão.

Ela balançou a cabeça. — Eu não quero nem saber o que é, mas soa revoltante.

Eu ri novamente, até quando o rosto horrorizado de Matt passou diante de mim. — Você devia ter visto a forma como Matt olhou para mim depois. Era como se ele tivesse medo de mim. Tão estúpido. Você sabe... As crianças gostariam disso e teriam aplaudido, mas não, Matt teve que olhar para mim como se eu fosse o anticristo.

As sobrancelhas da minha mãe enrugaram. — Eu tenho certeza que ele não pensa tão mal.

A pintura de uma deusa em sua parede se tornou um foco único para mim. Artemis estava agachada ao lado de uma corça, com uma aljava de flechas de prata em uma mão e um arco na outra. Os olhos eram enervantes, totalmente pintados de branco — sem íris ou pupilas. — Não. Foi. Ele acha que eu sou uma aberração.

Ela chegou mais perto, colocando a mão suavemente no meu joelho. — Eu sei que é difícil para você estar longe... do Covenant, mas você vai ficar bem. Você vai ver. Você tem sua vida inteira pela frente, cheia de escolhas e liberdade.

Ignorando o comentário e de onde ele veio, eu olhei de volta para meu sorvete e balancei a embalagem vazia. — Mamãe! Você comeu tudo.

— Lexie. — Apertando minha bochecha, ela virou minha cabeça para que eu olhasse para ela. — Eu sei que isso incomoda você... Ficar longe de lá. Eu sei que você quer voltar e eu rezo para os Deuses que você possa encontrar a felicidade nesta nova vida. Mas nunca poderemos voltar para lá. Você sabe disso, não sabe?

— Eu sei, — eu sussurrei, apesar de que eu realmente não entendia o por quê.

— Bom. — Ela apertou os lábios no meu rosto. — Com ou sem um propósito, você é uma menina muito especial. Nunca se esqueça disso.

Algo queimou no fundo da minha garganta. — Você é tipo, totalmente obrigada a dizer isso. Você é minha mãe.

Ela riu. — Isso é verdade.

— Mamãe! — Exclamei. — Uau. Agora eu vou ter problemas de auto-estima.

— Essa é uma coisa que não falta aí dentro. — Ela me mandou um sorriso atrevido ao mesmo tempo que eu dei um tapinha em sua mão. — Agora desça da minha cama e vá dormir. Espero vê-a acordada bem cedo. É melhor que sua pequena bunda esteja na varanda, limpando aquela bagunça. Estou falando sério.

Pulei da cama e apertei minha bunda. — Não é tão pequena.

Seus olhos rolaram. — Boa noite, Lexie.

Eu saltei para a porta, olhando por cima do meu ombro para ela. Ela estava dando tapinhas na cama, franzindo a testa.

— O vendaval o derrubou no chão. — Eu fui lá e peguei o livro, entregando-o a ela. — Boa noite!

— Lexie?

— Sim? — Virei-me de volta.

Minha mãe sorriu e era um sorriso muito bonito, acolhedor e amoroso. Ele iluminou o rosto inteiro, girando os olhos em jóias. — Eu te amo.

Eu sorri. — Te amo muito, mamãe.

Capítulo Cinco

Depois de descartar a caixa vazia e lavar a colher, eu limpei meu

rosto e vesti um pijama velho. Inquieta, eu olhei ao redor com a idéia de limpar meu quarto, um impulso que durou o tempo suficiente para eu pegar algumas meias.

Sentei-me na beirada da cama, olhando para as portas da varanda fechadas. A tinta branca estava rachada, mostrando uma camada mais profunda em um pálido tom de cinza — como um cruzamento entre o azul e prata, um tom incomum que atingiu um anseio antigo dentro de mim.

Realmente, depois de todo esse tempo, ainda sequer pensar em um cara que eu nunca vou ver novamente estava beirando o ridículo. Pior ainda, ele nem sabia que eu existia. Não porque eu fosse algum tipo de esquisita, escondida nas sombras do Covenant, mas porque ele não tinha sido *autorizado* a me notar. Aqui estava eu, três anos mais tarde, e tinta lascada lembrava-me de *seus olhos*.

Isso era tão triste e embaraçoso.

Irritada com os meus próprios pensamentos, me empurrei para fora da cama e fui para a mesa pequena no canto do meu quarto. Documentos e cadernos que eu raramente utilizava na sala de aula estavam no topo. Se havia algo que eu amava sobre o mundo mortal, era seu sistema de ensino. As aulas aqui eram muito mais fáceis comparadas com as do Covenant. Afastando a desordem, eu encontrei o meu leitor de MP3 e fones de ouvido.

A maioria das pessoas tinha músicas legais em seus players: bandas Indies ou os hits atuais. Eu decidi que devia estar sob o efeito de alguma coisa – os fumos do loureiro de Apollo? – quando baixei essas músicas. Pesquisei as músicas – assim se via como esta coisa estava desatualizada — até que eu encontrei *Brown Eyed Girl* de *Van Morrison*.

Havia algo sobre a música que me transformava em uma bola de queijo derretida desde o primeiro refrão da guitarra. Cantarolando, eu dancei em volta do meu quarto, pegando roupas descartadas e parando por alguns segundos quando falhava. Eu joguei a pilha na cesta, balançando minha cabeça como um demente Muppet Baby.

Começando a me sentir um pouco melhor sobre as coisas, eu sorri quando deslizei de volta para minha cama, segurando uma pilha de meias no meu peito. — Sha la la, la la, La la, la la, la-la da tee. La-la tee da!

Eu estremeci ao som da minha própria voz. Cantar não era meu talento, mas isso não me impedia de cantar todas as músicas do meu leitor de MP3. Quando o meu quarto ficou finalmente bastante decente, já passavam das três da manhã. Exausta, mas feliz, puxei os fones de ouvido e os deixei cair sobre a mesa. Rastejando na cama, eu apaguei a lâmpada e me deitei. Normalmente, levava um tempo para eu adormecer, mas o sono veio facilmente naquela noite.

E porque o meu cérebro gostava de me torturar até enquanto eu dormia, sonhei com Matt. Mas no sonho Matt tinha cabelo escuro e ondulado e olhos da cor de nuvens de tempestade. E no sonho, quando suas mãos deslizaram sob meu vestido, eu não o impedi.

Um estranho sorriso satisfeito curvou meus lábios quando acordei. Eu chutei as cobertas, me estendendo preguiçosamente quando o meu olhar caiu sobre as portas da varanda. Finas linhas de luz atravessavam as dobras e deslizavam sobre o tapete velho de bambu. Partículas de poeira flutuavam e dançavam nos raios.

Meu sorriso congelou quando vi o relógio. — Merda!

Lancei a colcha para o lado, as pernas para fora da cama e me levantei. “Acordar bem cedo” não se traduzia para acordar ao *meio-dia*. Minha mãe tinha facilitado as coisas para mim ontem à noite, mas eu duvidava que ela sentisse o mesmo se eu não fizesse minhas tarefas no segundo dia. Um olhar rápido para o meu reflexo no espelho do banheiro minúsculo, enquanto eu me

despia confirmou que eu parecia um Chewbacca[4]. Tomei um banho rápido, mas a água quente ficou fria antes que eu pudesse terminar.

[4] Na série *Star Wars*, Chewbacca (apelido: Chewie) é o co-piloto da nave Millenium Falcon (liderada por Han Solo) e um alienígena da raça Wookiee, oriundo do planeta Kashyyyk.

Tremendo da ira do péssimo aquecedor de água, eu procurei um par de jeans usados e uma camisa solta. Secando meu cabelo com uma toalha, comecei a ir em direção à minha porta. Parei, sufocando um bocejo. Mamãe provavelmente já estava lá fora no pequeno jardim na frente. Ficava logo abaixo da varanda, de frente para os prédios de apartamentos e casas alinhadas em toda a rua. Joguei a toalha na cama e abri as portas da varanda como uma espécie de beldade do sul cumprimentando o dia, toda elegante e delicada.

Só que tudo deu errado.

Estremecendo com o brilho do brilhante sol da Flórida, blindei meus olhos e dei um passo adiante. Meu pé enroscou em um vaso vazio. Tentando me livrar dele, perdi o equilíbrio e caí, agarrando-me no parapeito antes que eu pudesse cair sobre ele de cabeça.

Morte por vaso seria um inferno de caminho a percorrer.

Debaixo de meus braços, a estande de plantas de madeira balançava para a esquerda e depois a direita. Vários vasos de tulipas verdes e amarelas se deslocando de uma só vez.

— Merda! — Eu assobiei. Empurrei a grade e caí de joelhos, abracei o estande de plantas no meu peito. Ajoelhada ali, mais uma vez eu estava grata que nenhum dos meus velhos amigos estivesse perto para ver isso.

Mestiços eram conhecidos por sua agilidade e graça, não por tropeçar em coisas.

Depois que eu coloquei tudo de volta onde deveria estar sem me matar no processo, me levantei e inclinei com cuidado sobre os trilhos. Olhei para os

canteiros, com a expectativa de encontrar mamãe rindo com sua bunda no chão, mas o pátio estava vazio. Eu mesma verifiquei por cima do muro, onde ela havia plantado uma fileira de flores alguns fins de semana atrás. Comecei a voltar para trás quando vi que o portão estava aberto, pendendo para o lado.

— Huh. — Eu tinha quase certeza que o tinha fechado ontem à noite. Talvez minha mãe tivesse ido à Krispy Kreme comprar rosquinhas? Hmm. Meu estômago roncou. Agarrei a pá de jardim da confusão de ferramentas empilhadas em cima da pequena cadeira de armar, lamentando mais uma manhã a comer trigo se não houvesse donuts. Quem eu preciso matar para conseguir algum *Count Chocula*[5] em casa?

[5] Marca de Cereal.

Virei a pá no ar, pegando-a pela alça, enquanto olhava para lá do quintal. As casas geminadas outro lado da rua todas tinham grades nas janelas e pintura descascando dos lados. As mulheres mais velhas que as habitavam não falavam muito inglês. Uma vez eu tentei ajudar uma delas carregando sacos de lixo para fora, mas ela gritou comigo em outro idioma e enxotou-me como se eu tivesse tentado roubá-la.

Elas estavam todas fora agora, cortando cupons ou fazendo o que quer que fosse que as senhoras de idade fazem. Tráfego lotava a rua. Era sempre assim em uma tarde de sábado, especialmente quando estava se transformando em um bom dia para um passeio na praia.

Meu olhar se arrastou para os turistas da cidade enquanto eu continuava a jogar a pá no ar. Era sempre fácil diferenciar os turistas. Eles usavam pochetes ou chapéus de sol anormalmente grandes e suas peles eram ou pálidas demais ou queimadas pelo sol.

Um arrepio estranho me percorreu, espalhando picadas minúsculas em minha carne. Puxei uma respiração forte, meus olhos analisando as multidões que passavam com vontade própria.

Então eu vi.

Tudo parou à minha volta em um instante. O ar foi expulso dos meus pulmões.

Não. Não. Não.

Ele estava na entrada do beco, em frente ao bangalô e ao lado da varanda da frente, onde as velhas se sentavam. Elas olharam para ele quando ele veio para a calçada, mas ignoraram o estranho e voltaram para a conversa.

Elas não podiam ver o que via.

Nenhum mortal poderia. Nem mesmo um puro-sangue podia. Apenas mestiços podiam ver através da magia elemental e testemunhar o verdadeiro horror — pele tão pálida e tão fina que cada veia estalava através da carne como uma cobra negra bebê. Seus olhos eram escuros, órbitas vazias e sua boca, seus dentes...

Esta era uma das *coisas* para que eu havia sido treinada para lutar no Covenant. Isso era uma *coisa* que prosperava e se alimentava de éter — a essência dos deuses, a força de vida que nos percorria — um puro-sangue que tinha virado as costas para os deuses. Esta era uma das *coisas* que eu era obrigada a matar à primeira vista.

Um daimon — havia um *daimon* aqui.

Capítulo Seis

Eu rodei para longe da grade. Qualquer treinamento que eu tinha

conseguido reter desapareceu em um instante. Uma parte de mim sabia – sempre soube – bem no fundo que esse dia viria.

Nós estivemos fora da proteção do Covenant e suas comunidades por muito tempo. A necessidade por éter eventualmente levaria um daimon para à nossa porta. Daimons não podiam resistir ao encanto de puro-sangue. Eu apenas não quis dar voz ao medo, acreditar que isso poderia acontecer em um dia como esse, quando o sol estava tão brilhante e o sol um azul celeste tão bonito.

Pânico agarrou dentro da minha garganta, prendendo a minha voz. Eu tentei gritar, — Mamãe! — mas veio como um sussurro rouco.

Eu corri através do quarto, terror apreendendo em mim quando eu empurrei e então puxei a porta aberta. Um som de queda soou em algum lugar na casa.

O espaço entre o meu quarto e o da minha mãe pareceu mais longo do que eu me lembrava e eu ainda estava tentando chamar seu nome quando alcancei o quarto dela.

A porta abriu sem problemas, mas ao mesmo tempo, tudo desacelerou.

Seu nome ainda era um gemido em meus lábios. Meu olhar aterrisou em sua cama primeiro, e então em uma parte do chão ao lado da cama. Eu pisquei. Um pote de hibiscos tinha tombado e quebrado em pedaços grandes. Pétalas roxas e terra estavam espalhados pelo chão. Vermelho – alguma coisa vermelha – se misturava entre as flores, transformando-as em um violeta profundo. Meu arquejo aspirou um cheiro metálico que me lembrou dos sangramentos no nariz que eu costumava ter quando treinava com um parceiro que conseguia um golpe de sorte.
Eu estremeci.

O tempo silenciou. Um zumbido encheu meus ouvidos até que eu não pude ouvir mais nada. Eu vi sua mão primeiro. Anormalmente pálida e aberta, seus dedos como garras para o ar, tentando alcançar algo. O braço dela torcido em um ângulo estranho.

Minha cabeça balançou para frente e para trás; meu cérebro recusou aceitar as imagens na frente dos meus olhos, nomear a mancha escura espalhando para baixo de sua camisa.

Não, não – absolutamente não. Isso está errado.

Alguma coisa – alguém – apoiou metade do corpo dela para cima. Uma mão pálida apertou seu braço e sua cabeça pendeu para o lado. Os olhos dela estavam bem abertos, o verde um pouco desbotado e desfocado.

Oh, deuses... oh, deuses.

Segundos, tinham sido apenas segundos desde que eu abri a porta, mas parecia uma eternidade.

Um daimon pegou a minha mãe, drenando-a para conseguir o éter no seu sangue. Eu devo ter feito um som, porque a cabeça do daimon levantou. O pescoço dela – *oh deuses* – seu pescoço tinha sido rasgado. Tanto sangue tinha sido derramado.

Meus olhos encontraram os do daimon – ou pelo menos, eles encontraram os buracos negros onde seus olhos deveriam ter estado. A boca dele estalou para longe do pescoço dela, escancarando para revelar uma fileira de dentes afiados como navalha cobertos de sangue. Então a mágica Elemental assumiu, juntando o rosto que ele tinha como puro, antes dele ter provado aquela primeira gota de éter. Com aquele glamour no lugar, ele era lindo para qualquer padrão – tanto que, por um momento, eu achei que estava vendo coisas. Nada daquela aparência angelical poderia ser responsável pela mancha vermelha no pescoço da minha mãe, suas roupas...

A cabeça dele inclinou para o lado quando ele cheirou o ar. Ele soltou um som de lamento agudo. O som – nada real poderia soar como aquilo.

Ele soltou a minha mãe, deixando seu corpo escorregar para o chão. Ela caiu em uma massa confusa e não se mexeu. Eu sabia que ela tinha que estar assustada e machucada, porque não poderia haver nenhum outro motivo para ela não ter se movido.

Erguendo-se, as mãos sangrentas do daimon caíram para os lados, dedos torcendo para dentro.

Seus lábios se curvaram em um sorriso. — Meio-sangue, — ele sussurrou.

Então ele pulou.

Eu nem sequer percebi que ainda segurava a pá do jardim. Levantei meu braço assim que o daimon me agarrou. Meu grito saiu como nada mais do que chiado rouco quando caí para trás contra a parede. A pintura de Artemis caiu no chão ao meu lado.

Os olhos do daimon se arregalaram com surpresa. Suas íris estavam de um azul vibrante e escuro por um momento, e então, como um interruptor que está sendo ligado, a mágica Elemental que escondia sua verdadeira natureza desapareceu. Órbitas negras substituíram aqueles olhos; veias apareceram através da sua pele esbranquiçada.

E então ele explodiu em um estouro de pó azul cintilante.

Eu olhei para baixo estupidamente para minha mão trêmula. A pá do jardim – eu ainda segurava a fodida pá do jardim. Banhada em titânio, eu percebi lentamente.

A pá tinha sido revestida com o metal mortal para aqueles viciados em éter. Minha mãe tinha comprado as ferramentas do jardim ridiculamente caras porque ela amava jardinagem, ou havia outro motivo oculto por trás da compra? Não era como se tivéssemos nenhuma adaga do Covenant ou facas espalhadas por aí.

De qualquer maneira, o daimon tinha se empalado na pá. *Estúpido, cruel, sugador de éter filho da puta.*

Uma risada – curta e áspera – borbulhou na minha garganta enquanto um tremor correu pelo meu corpo. Não houve nada além de silêncio e o mundo voltou ao lugar.

A pá escorregou dos meus dedos flácidos, retinindo no chão.

Um outro espasmo me enviou de joelhos e eu baixei os olhos para a forma imóvel ao lado da cama.

— Mamãe...? — eu estremeci ao som da minha voz e o tiro de medo que passou por mim.

Ela não se moveu.

Eu coloquei minha mão no ombro dela e a rolei de costas. Sua cabeça caiu para o lado, seus olhos em branco e cegos. Meu olhar caiu para seu pescoço. Sangue cobria a frente da sua blusa azul e emaranhando os fios do seu cabelo escuro. Eu não podia dizer quanto dano tinha sido feito. Eu estiquei a mão novamente, mas não pude me forçar a afastar o cabelo que cobria seu pescoço. Na sua mão direita, ela apertava uma pétala esmagada.

— Mamãe...? — eu me debrucei sobre ela, meu coração gaguejando e perdendo uma batida.

— Mamãe!

Ela nem sequer piscou. Durante tudo isso, meu cérebro estava tentando me dizer que não havia vida naqueles olhos, nenhum espírito e nenhuma esperança em seu olhar vago. Lágrimas escorreram pelo meu rosto, mas eu não conseguia me lembrar de quando eu tinha começado a chorar. Minha garganta convulcionou ao ponto que comecei a lutar para respirar.

Eu gritei o nome dela então, agarrando seus braços e sacudindo-a. — Acorda! Você tem que acordar! Por favor, mamãe, por favor! Não faça isso! *Por favor!* — Por um segundo eu pensei que tinha visto seus lábios se moverem. Eu me abaixei, colocando meu ouvindo sobre a boca dela, esforçando-me para ouvir uma respiração minúscula, uma palavra.

Não havia nada.

Procurando por algum sinal de vida, eu toquei o lado não danificado de seu pescoço e então recuei, caindo de bunda. A pele dela – sua pele estava tão fria. Eu olhei para minhas mãos. Elas estavam cobertas de sangue. A pele dela estava *demasiado* fria. — Não. Não.

Uma porta abriu no andar de baixo, e o som quebrou através de mim. Eu congelei por um segundo, meu coração correndo tão rápido que eu tinha certeza que ia explodir. Um arrepio me percorreu quando a imagem do daimon do lado de fora passou pela minha cabeça. Que cor era seu cabelo? O que estava aqui era loiro. *Que cor?*

— Inferno. — Eu me levantei e bati a porta fechada. Os dedos tremendo, tranquei a fechadura e me virei.

Havia dois. Havia dois.

Passos pesados bateram na escada.

Corri para a cômoda. Espremendo-me atrás dela, eu empurrei o mobiliário pesado com cada polegada de força que eu tinha em mim. Livros e papéis tombaram quando bloqueei a porta.

Alguma coisa bateu do outro lado, balançando a cômoda. Saltando para trás, eu corri as mãos pela minha cabeça. Um uivo de lamento irrompeu do outro lado da porta, e em seguida golpeeou a porta de novo... e de novo.

Eu virei ao redor, o estômago torcendo em nós dolorosos. Planos – nós tínhamos um plano estúpido em vigor apenas no caso de um daimon nos encontrar. Nós o modificamos a cada vez que mudamos para uma cidade diferente, mas cada um se resumia a uma coisa: *Pegar o dinheiro e correr.* Eu ouvi a voz dela tão clara como se ela tivesse falado isso. *Pegue o dinheiro e corra. Não olhe para trás. Apenas corra.*

O daimon bateu a porta de novo, estilhaçando a madeira. Um braço serpenteou através dela, agarrando o ar.

Fui até o armário, colocando para baixo as caixas do topo da prateleira até que uma caixa de madeira pequena caiu no chão. Agarrando-a, eu a puxei tão ferozmente que a tampa arrancou das dobradiças. Eu joguei uma outra caixa na porta, atigindo o braço do daimon. Eu acho que ele riu de mim. Agarrei o que minha mãe chamava de “fundo de emergência” e o que eu chamava de “fundo nós estamos tão ferradas” e embolsei o maço de notas de cem dólares.

Cada passo de volta para onde ela tinha caído rasgou através de mim, tomando um pedaço da minha alma. Eu ignorei o daimon quando cai ao lado dela e pressionei meus lábios na sua testa fria. — Me desculpe, mamãe. Eu sinto muito mesmo. Eu amo você.

— Eu vou matar você, — o daimon sibilou.

Olhando por cima do meu ombro, eu vi que a cabeça do daimon tinha passado pela porta. Ele estava tentando alcançar a ponta da cômoda. Eu peguei a pá do jardim, limpando a parte de trás do meu braço pelo meu rosto.

— Eu vou te estraçalhar. Você pode me ouvir? — ele continuou, apertando o outro braço através do buraco que ele tinha feito. — Rasgar e drenar você de qualquer que seja a quantidade patética de éter que você tenha, meio-sangue.

Eu olhei para a janela e tirei o abajur da mesa. Rasgando a parte de cima, eu o joguei de lado. Parei em frente da cômoda.

O daimon acalmou quando o glamour se estabeleceu ao redor dele. Ele cheirou o ar, os olhos ficando largos. — Você cheira dif…

Balançando com toda a minha força, eu bati a parte inferior do abajur na cabeça do daimon. O estrondo repugnante que fez me agradou de um modo que teria preocupado orientadores escolares em todo o país. Não o mataria, mas certo como o inferno que me fez sentir melhor.

Eu joguei o abajur quebrado no chão e corri em direção à janela. Eu a empurrei aberta assim que o daimon soltou uma sequência de maldições e ameaças criativas. Eu balancei na janela, me empoleirando lá enquanto olhava para o chão abaixo, avaliando as minhas chances de pouso no toldo

sobre a pequena varanda na parte de trás da casa.

A parte de mim que tinha estado no mundo mortal por muito tempo reijeitou a ideia de pular de uma janela no segundo andar. A outra parte – a parte que tinha o sangue dos deuses correndo através de mim – pulou.

O telhado de metal fez um som terrível quando meus pés bateram nele.

Eu não pensei enquanto fui para a borda e pulei mais uma vez. Eu bati na grama, caindo nos meus joelhos. Levantando, ignorei os olhares estupefatos dos vizinhos que devem ter vindo para o lado de fora ver o que estava acontecendo. Eu fiz a única coisa que tinha sido treinada para *nunca* fazer durante o meu tempo no Covenant, a coisa que eu não queria fazer, mas sabia que tinha que fazer.

Eu corri.

Com as minhas bochechas ainda úmidas com lágrimas e minhas mãos manchadas com o sangue da minha mãe, *eu corri.*

Capítulo Sete

Uma dormência profunda tomou conta de mim enquanto eu estava

em um banheiro do posto de gasolina. Eu virei as minhas mãos para cima e as esfreguei sob a corrente de água gelada, assistindo a pia se tornar vermelha, e então rosa, e então limpa. Eu continuei lavando as minhas mãos até que elas, também, se sentiam dormentes.

De vez em quando um espasmo percorria as minhas pernas e meus braços se contraím, sem dúvida um produto de correr e correr até que a dor tinha se instalado tanto no meu corpo que cada passo tinha rangido nos meus ossos. Meus olhos continuavam passando rapidamente para a pá de jardim como se eu precisasse me assegurar de que ainda estava ao meu alcance. Eu a tinha colocado na borda da pia, mas não parecia como se estivesse perto o suficiente.

Desligando a torneira, eu a peguei e deslizei no cós da minha calça jeans. As bordas afiadas morderam a carne do meu quadril, mas eu puxei minha camisa sobre ela, dando boas vindas a facada de dor.

Eu saí do banheiro encardido, andando em nenhuma direção específica. As costas da minha camisa estavam encharcadas de suor e as minhas pernas protestavam para a coisa toda de andar. Eu daria mais alguns passos, tocando a alça da pá pela minha camisa, andar um pouco mais e repetir.

Pegue o dinheiro e corra...

Mas correr para onde? Para onde eu deveria ir? Nós não tínhamos nenhum amigo próximo em quem confiámos a verdade. A parte mortal me incentivou a ir à polícia, mas o que eu poderia dizer para eles? Por agora, alguém teria chamado o 911 e o corpo dela teria sido encontrado. E então o que? Se eu fosse para as autoridades, eu seria colocada no sistema do Estado embora eu tivesse dezessete anos. Nós tínhamos esgotado todo o nosso dinheiro nos últimos três anos e não havia nenhum fundo que sobrou exceto as poucas

centenas de dólares no meu bolso. Ultimamente, minha mãe tinha usado compulsão para conseguir taxas mais baratas sempre que tínhamos contas para pagar.

Eu continuei andando enquanto meu cérebro tentava responder a questão de *o que acontece agora?* O sol estava começando a se pôr. Eu só poderia esperar que a umidade aliviaria um pouco. Minha garganta parecia como se eu tivesse engolido uma esponja seca e meu estômago roncava infelizmente. Eu ignorei ambos, continuando a colocar a maior distância entre a minha casa e eu quanto podia.

Para onde ir?

Como um soco no estômago, eu vi a minha mãe. Não como ela tinha parecido na noite passada, quando ela me disse que me amava, aquela imagem dela me escapou. Agora eu ficava vendo seus olhos verdes entorpecidos.

Uma punhalada aguda de dor fez meu passo vacilar. A dor no meu peito, na minha alma, ameaçava me consumir. *Eu não posso fazer isso. Não sem ela.*

Eu tinha que fazer isso.

Apesar da umidade e do calor, eu tremi. Passando os braços ao redor do meu peito, eu corri pela rua, escaneando a multidão pelo rosto horrível de um daimon. Vários segundos passariam antes de que a mágica Elemental que eles exerciam tivesse um efeito em mim. Poderia me dar tempo suficiente para correr disso, mas eles obviamente poderiam sentir o pouco de éter que tinha em mim. Não parecia provável que eles me seguiriam; daimons não caçavam ativamente os meio-sangues. Eles nos morderiam e nos drenariam se por acaso passassem por nós, mas não nos procurariam. O éter diluído em nós não era tão atraente quanto o dos puros.

Andei pelas ruas sem rumo até que avistei um motel que parecia um pouco decente. Eu precisava sair das ruas antes que a noite caísse. Miami depois de escurecer não era um lugar para uma garota adolescente sozinha andar por aí feliz.

Depois de pegar alguns hambúrgeres de uma lanchonete de comida rápida por perto, eu me registrei no motel. O cara atrás do balcão não olhou duas vezes para a garota suada parada na frente dele – com nenhuma bagagem e apenas um saco de comida – pedindo por um quarto. Desde que eu pagasse em dinheiro, ele nem sequer se preocupava que eu não mostrasse nenhuma identificação.

Meu quarto era no primeiro andar ao final de um corredor estreito e mofado. Havia sons questionáveis vindos de alguns dos quartos; mas eu estava mais perturbada pelo carpete sujo do que por gemidos baixos.

A sola do meu tênis usado parecia mais limpa.

Eu movi os hambúrgueres e a bebida para o meu outro braço enquanto abria a porta do quarto 13. A ironia do número não passou por mim; eu estava apenas muito cansada e fora de mim para me preocupar.

Surpreendentemente, o quarto cheirava bem, cortesia de um ambientador de ar com cheiro de pêssego conectado à tomada na parede. Eu coloquei as minhas coisas na mesa pequena e tirei a pá de jardim. Levantando a camisa, eu abaixei o cós da calça e corri os dedos sobre os recortes que a lâmina tinha deixado na minha pele.

Poderia ser pior. Eu poderia estar como a minha mã…

— Pare com isso! — eu sibilei para mim mesma. — Apenas pare com isso.

Mas a dor me enchia, de qualquer maneira. Era como não sentir nada e tudo ao mesmo tempo. Eu inspirei em uma respiração superficial, mas doeu. Ver a minha mãe deitada ao lado da cama ainda não parecia real. Nada disso parecia. Eu continuava a esperar acordar e descobrir que tudo tinha sido um pesadelo.

Eu apenas não tinha acordado ainda.

Esfreguei as mãos no meu rosto. Havia uma queimação na parte de trás da minha garganta, um aperto que tornava difícil engolir. *Ela se foi. Ela se foi.*

Minha mamãe se foi. Agarrei a bolsa de hambúrgueres e mergulhei neles. Eu comi com raiva, parando a cada dois bocados para tomar um grande gole do meu copo. Depois do segundo, meu estômago apertou. Deixei cair a embalagem e corri para o banheiro. Caindo nos meus joelhos em frente ao vaso sanitário, tudo voltou para cima.

Meus lados doíam no momento que caí contra a parede, empurrando a minha palma contra meus olhos lacrimejantes. A cada par de segundos o olhar vazio da minha mãe passava por mim, aternando com o olhar no rosto do daimon antes que tinha explodido em pó azul. Eu abri meus olhos, mas ainda a via, via o sangue que corria sobre as pétalas roxas, via sangue em todo lugar. Meus braços começaram a tremer.

Eu não posso fazer isso.

Puxei meus joelhos para o peito e descansei a cabeça neles. Eu balancei lentamente, repassando não apenas as últimas vinte e quatro horas repetidas vezes, mas os últimos três anos. Todas aquelas vezes que eu tive a chance de descobrir uma maneira de contactar o Covenant e não tinha feito. Oportunidades perdidas.

Chances que eu nunca teria de volta. Eu poderia ter tentando descobrir como chegar ao Covenant. Uma ligação teria impedido que isso acontecesse.

Eu queria uma segunda chance – apenas mais um dia para confrontar a minha mãe e exigir que voltássemos para o Covenant e enfrentar o que quer que seja que tenha nos feito fugir no meio da noite.

Juntas – nós poderíamos ter feito isso juntas.

Meus dedos cavaram no meu cabelo e eu puxei. Um grito minúsculo fugiu e passou pelo meu maxilar cerrado. Eu arranquei meu cabelo, mas o flash quente de dor vibrando pelo meu couro cabeludo não fez nada para aliviar a pressão no meu peito ou o vazio que me encheu.

Como uma meio-sangue era meu dever matar daimons, proteger os puro-sangues deles. Eu tinha falhado da pior maneira possível. Eu tinha falhado

com a minha mãe. Não tinha como contornar isso.

Eu tinha falhado.

E eu tinha corrido.

Meus músculos trancaram e eu senti uma súbita fúria crescer em mim.

Passando as mãos pelos meus olhos, eu chutei. O calcanhar do tênis bateu na porta do armário debaixo da pia. Eu puxei meu pé livre, quase satisfeita quando a tábua barata raspou meu tornozelo. E eu fiz isso de novo e novo. Quando eu finalmente levantei e sai do banheiro, o quarto de motel estava lançado nas trevas. Eu puxei a corrente do abajur e agarrei a pá. Cada passo de volta no quarto miserável machucava depois de forçar meus músculos doloridos em uma posição tão apertada no banheiro. Eu sentei na cama, sem querer desmoronar lá e sem querer levantar. Eu queria checar a porta de novo – talvez bloqueá-la com alguma coisa – mas exaustão me reivindicou e eu adormeci em um lugar onde esperava que nenhum pesadelo pudesse me seguir.

Capítulo Oito

A noite virou dia, e eu não me movi até o gerente do motel bater na porta, pedindo mais dinheiro ou era para eu sair. Através de uma pequena rachadura na porta, entreguei-lhe o dinheiro e voltei para a cama.

Isso se repetiu por dias. Houve um sentimento geral de passagem do tempo, quando eu ia me levantar e arrastar para o banheiro. Eu não tinha a energia para tomar banho, e este não era o tipo de lugar que possuía garrafinhas de xampu, de qualquer maneira. Não havia nem sequer um espelho aqui, apenas um par de pequenos suportes de plástico vazios em cima da pia. Ou luar ou sol iria quebrar através da janela, e eu continuei a contar através de cada vez que o gerente visitava. Três vezes ele chegou para pedir dinheiro.

Durante esses dias eu pensei em minha mãe e chorei até que me silenciei com minha mão. A tempestade dentro de mim se debatia, ameaçando me puxar pra baixo, e eu fui. Eu me enrolei em uma pequena bola, não querendo falar, não querendo comer. Parte de mim só queria estar lá e desaparecer. As lágrimas há muito haviam chegado ao fim insatisfatório e eu estava lá, em busca de uma saída. Parecia haver um vazio à minha frente. Saudei-o, corri, e afundei-me em suas profundezas sem sentido até que o gerente veio no quarto dia.

Desta vez, ele falou comigo depois de eu lhe entregar o dinheiro. — Você precisa de algo, criança?

Eu olhei para ele pela abertura. Ele era um cara mais velho, talvez em seus quarenta e tantos anos. Ele parecia vestir a mesma camisa listrada todos os dias, mas parecia limpo.

Ele olhou no corredor, correndo a mão pelos cabelos ralos marrom. — há alguém que eu posso chamar para você?

Eu não tinha ninguém.

— Bem, se você precisar de algo, basta ligar para a recepção. — Ele se afastou, tendo o meu silêncio como resposta. — Pergunte por Fred. Esse sou eu.

— Fred, — eu repeti devagar, parecendo uma idiota.

Fred parou, balançando a cabeça. Quando ele olhou para mim, seus olhos encontraram os meus. — Eu não sei que tipo de problemas você tem, criança, mas você é jovem demais para estar aqui em um lugar como este. Vá para casa. Volte para onde você pertence.

Eu assisti Fred sair e fechei a porta atrás de mim, trancando-a. Eu me virei lentamente e olhei para a cama – para a pá de jardim. Meus dedos formigaram.

Volte para onde você pertence.

Eu não pertenço a lugar nenhum. Mamãe tinha ido embora e agora…

Eu me afastei da porta, aproximando-me da cama. Peguei a pá e corri os dedos ao longo das bordas afiadas. *Volte para onde você pertence*. Havia apenas um lugar onde eu pertencia e esse lugar não era enrolada em bola em uma cama de um motel barato no lado errado de Miami.

Vá para o Covenant.

Um arrepio correu ao longo da parte de trás do meu pescoço. O Covenant? Eu poderia voltar para lá depois de três anos, nem mesmo sabendo por que tinha partido? Mamãe tinha agido como se lá não fosse seguro para nós, mas eu sempre achei que era paranóia. Será que eles me permitiriam voltar sem a minha mãe? Será que eu serei punida por ter fugido com ela e não impedi-la? Eu estava fadada a me tornar o que eu tinha evitado todos esses anos, quando eu fui ao Conselho e chutei uma velhinha?

Eles podem me forçar à servidão.

Todos os riscos eram melhores do que ficar esperando por um daimon,

melhor do que enfiar o rabo entre as pernas e desistir. Eu nunca tinha desistido de nada na minha vida inteira. Eu não poderia começar agora, não quando a minha vida seriamente dependia de mim.

E pela aparência da cama e de como eu cheirava, eu estava oficialmente pirando.

O que minha mãe diria se ela pudesse me ver agora? Eu duvidava de que ela iria sugerir o Covenant, mas ela não iria querer que eu desistisse. Fazer isso seria uma vergonha para tudo que ela representava e ao seu amor.

Eu não podia desistir.

A tempestade se acalmou dentro de mim e um plano começou a se formar. O Covenant mais próximo estava em Nashville, Tennessee. Eu não sabia exatamente onde, mas toda a cidade estaria repleta de Sentinelas e guardas. Seríamos capazes de sentir um ao outro, a essência sempre nos atraía, mais forte para os puros, mais sutil para os mestiços. Eu teria que encontrar uma carona, porque minha bunda não estava andando todo o caminho para o Tennessee. Eu ainda tinha dinheiro suficiente para obter um bilhete em um daqueles ônibus que normalmente eu não consideraria entrar. O terminal do centro da cidade havia sido fechado há anos atrás e estação de ônibus mais próxima para fora do estado estava no aeroporto.

Isso era um inferno de uma caminhada a partir daqui.

Olhei para o banheiro. Nenhuma luz brilhava através da janela. Era noite de novo. Amanhã de manhã eu poderia tomar um táxi para o aeroporto e pegar um dos ônibus. Sentei-me, quase sorrindo.

Eu tinha um plano, um plano louco que poderia acabar me frustrando, mas era melhor do que desistir e não fazer nada. Um plano era *alguma coisa* e ele me deu esperança.

Depois de esperar até o amanhecer, eu peguei um táxi para o aeroporto e permaneci no terminal de ônibus quase vazio. A única companhia que eu tinha era de um homem negro idoso limpando os assentos de plástico rígido e

dos ratos que corriam ao longo dos corredores escuros.

Nenhum deles era muito falador.

Eu puxei minhas pernas em cima da cadeira, segurando a pá no meu colo enquanto me forcei a ficar alerta. Depois de permanecer no vazio por dias, eu ainda queria vestir meu pijama favorito e me enrolar na cama da minha mãe. Se não fosse por qualquer barulhinho me fazendo ficar acordada, eu teria caído da cadeira em um sono profundo.

Um punhado de pessoas estava esperando o ônibus quando o sol nasceu fora das janelas.

Todo mundo me evitou, provavelmente porque eu parecia uma bagunça. O chuveiro do motel não havia funcionado quando eu finalmente o experimentei, e minha rápida lavagem na pia não havia incluído sabonete ou xampu. Levantei-me lentamente, esperei até que todos entraram na fila e olhei para as roupas que eu estava usando por dias. Os joelhos de minha calça tinham sido rasgados e as bordas desgastadas estavam manchadas de vermelho. Uma dor aguda bateu no meu estômago.

Entrei na fila, subi os degraus do ônibus e rapidamente fiz contato visual com o motorista. Imediatamente, eu queria não ter feito. Com a cabeça cheia de cabelos brancos e óculos bifocais empoleirados no nariz vermelho, o motorista parecia mais velho do que o cara que estava limpando as cadeiras. Ele ainda tinha um adesivo da AARP na viseira de sol e usava suspensórios. Suspensórios?

Deuses, havia uma boa chance de Papai Noel cair no sono no volante e todos nós morrermos.

Arrastando os pés, eu escolhi um banco no meio e me sentei ao lado de uma janela. Felizmente, o ônibus não estava cheio e assim o odor corporal geralmente associado a esses ônibus estava abaixo do normal.

Acho que eu era a única que fedia.

E fedia. Uma senhora alguns lugares à minha frente virou-se, franzindo o nariz. Quando seu olhar pousou em mim, eu desviei o olhar rapidamente.

Apesar de compreender que minha higiene questionável era o menor dos meus problemas, isso ainda fez meu rosto queimar com a humilhação. Como num momento como este, eu ainda poderia me preocupar com a minha aparência ou cheiro? Eu não deveria, mas eu me preocupava. Eu não queria ser a garota fedorenta do ônibus. Meu constrangimento me trouxe de volta para mais um momento terrivelmente humilhante da minha vida.

Eu tinha 13 anos e tinha acabado de iniciar na turma de formação ofensiva no Covenant. Lembrei-me de ser feliz fazendo nada mais do que correr e praticar técnicas de bloqueio. Caleb Nicolo - meu melhor amigo e um cara totalmente incrível - e eu tinhamos passado o início da primeira aula empurrando todo mundo e agindo como macacos.

Nós tínhamos sido bastante... incontroláveis juntos.

Instrutor Banks, um velho meio-sangue que tinha sido ferido enquanto fazia seus deveres de Sentinela, estava ensinando a classe. Ele nos informou que estaria praticando quedas e me emparelhado com um rapaz chamado Nick. O Instrutor Banks nos mostrou várias vezes como fazê-lo corretamente, alertando-nos que, — Tem que ser feito dessa maneira. Se não, você poderia quebrar o pescoço de alguém, e isso não é algo que eu estou ensinando hoje.

Parecia tão fácil, e sendo a pirralha arrogante que eu tinha sido, eu realmente não tinha prestado atenção. Eu disse à Caleb: — Eu sei fazer isso. — Nós tirámos sarro como dois idiotas e voltámos para nossos parceiros.

Nick tinha executado a queda perfeitamente, varrendo a perna enquanto mantinha o controle dos meus braços. Instrutor Banks o elogiou. Quando chegou a minha vez, Nick sorriu e esperou. No meio da manobra, meu aperto tinha escorregado no braço de Nick e eu caí em seu pescoço.

Nada bom.

Quando ele não se levantou imediatamente e começou a gemer e a ter

espasmos, eu soube que tinha cometido um erro de cálculo terrível a respeito de meu nível de habilidade. Eu ia colocar a bunda de Nick na enfermaria por uma semana e seria chamada de ‘bate-estacas’ por vários meses.

Até agora, eu nunca tinha sido tão humilhada na minha vida. Eu não tinha certeza de qual humilhação era pior, embora – falhar na frente dos meus colegas ou cheirar como meias de ginástica esquecidas no cesto.

Suspirando, olhei para o meu itinerário de viagem. Haviam duas paradas: uma em Orlando e outra em Atlanta. Eu esperava que em uma dessas paradas tivesse algum lugar onde eu pudesse me limpar um pouco melhor e comer alguma coisa. Talvez eles também possuíssem motoristas que não estavam se aproximando da data de validade.

Olhei em volta do ônibus, sufocando o meu bocejo com a mão. Definitivamente não havia daimons no ônibus; eu imaginava que eles tinham nojo de transporte público. E – pelo que eu podia dizer - não via nenhum possível assassino em serie que estivesse em algo tão sujo. Eu puxei a pá para fora e a enfiei entre mim e o banco. Cochilei muito rapidamente e acordei algumas horas depois, meu pescoço doía ferozmente.

Algumas das pessoas no ônibus tinham arrumado almofadas, eu daria meu braço esquerdo por uma. Mexi no meu lugar até que encontrei uma posição que não me fizesse sentir como se eu estivesse apertada em uma gaiola, eu não percebi que tinha companhia até que levantei os meus olhos.

A mulher que cheirou o ar antes, estava no corredor ao lado da minha cadeira. Meu olhar caiu sobre o seu cabelo marrom bem penteado e calça cáqui apertada, não sabia o que fazer com ela.

Sorrindo intimamente, ela tirou a mão das costas e estendeu um pacote de biscoitos para mim. Eles eram do tipo com manteiga de amendoim no meio, seis por pacote. Meu estômago rugiu para a vida.

Eu pisquei lentamente, confusa.

Ela balançou a cabeça, e notei a cruz pendurada em uma corrente de ouro no

pescoço. — Eu pensei que... você poderia estar com fome?

Orgulho acendeu em meu peito. A senhora pensou que eu era uma garota semteto. Espere. EU SOU uma garota sem-teto. Eu engoli o caroço repentino na minha garganta.

A mão da senhora balançou um pouco quando ela se afastou. — Parece que você não quer. Se você mudar...

— Espere, — eu disse com voz rouca, estremecendo ao som da minha própria voz. Limpei a garganta, enquanto meu rosto aqueceu. — Vou pegar. Muito... obrigada.

Meus dedos pareciam especialmente sujos ao lado dos dela, mesmo eu tendo limpado-os no banheiro do motel. Eu comecei a agradecê-la novamente, mas ela já tinha voltado para seu assento. Olhei para o pacote de biscoitos, sentindo um aperto no meu peito e na mandíbula. Em algum lugar eu li uma vez que era um sintoma de um ataque cardíaco, mas eu duvidava que fosse o que havia de errado comigo.

Apertando os olhos fechados, eu abri o pacote, comi tão rápido que eu realmente não pude saborear nada. Então, novamente, era difícil de saborear a primeira refeição que eu tinha em dias com as lágrimas a entupiar a minha garganta.

Capítulo Nove

Na transferência em Orlando, eu tive várias horas para tentar me limpar e comer alguma coisa. Quando o banheiro ficou livre e não parecia que ninguém estava vindo, eu tranquei a porta e me aproximei da pia. Era difícil me olhar no espelho, por isso evitei fazê-lo. Tirei minha camisa, segurando um gemido devido aos vários músculos doloridos. Escolhendo ignorar o fato de que eu iria tomar um banho em um banheiro público, peguei um punhado de ásperas toalhas marrons que com certeza fariam minha pele sair. Amorteci-as e usando um sabão genérico, limpei-me tão rapidamente quanto possível. Sombras dos profundos hematomas roxos ainda marcavam a minha pele desde a altura do meu sutiã até meu quadril. Os arranhões nas minhas costas – de quando eu fugi do quarto de minha mãe pela janela – não estavam tão ruins quanto eu pensei que estariam.

No geral, eu não estava tão ruim assim.

Eu fui capaz de pegar uma garrafa de água e alguma comida em uma máquina de venda automática antes de embarcar no próximo ônibus. Ver o motorista notavelmente mais jovem me fez sentir muito mais aliviada, pois estava começando a ficar escuro lá fora. O ônibus estava mais cheio do que tinha estado em Miami e eu fui incapaz de voltar a dormir. Sentei-me e olhei pela janela, correndo os dedos ao longo da borda da pá. Meu cérebro meio que desligou depois que eu terminei o saco de batatas fritas e acabei olhando para o garoto com aparência de universitário várias filas à frente. Ele tinha um iPod e eu fiquei com ciúmes. Eu realmente não pensei em nada durante as seguintes cinco horas.

Era por volta de duas da manhã quando desembarcamos em Atlanta, chegando antes do previsto. O ar da Geórgia estava tão denso de umidade quanto o da Flórida tinha estado, mas havia um cheiro de chuva. A estação estava em algum tipo de parque industrial cercado por campos e longos armazéns esquecidos. Parecíamos estar na periferia de Atlanta, porque o brilho ofuscante das luzes da cidade apareciam um par de quilômetros de distância.

Esfregando o pescoço dolorido, eu desci na estação. Algumas pessoas tinham carros lá esperando por eles. Eu assisti o garoto da faculdade indo em direção a um sedan e um homem de meia-idade de aparência cansada, mas feliz, saiu e abraçou-o. Antes que meu peito pudesse apertar de novo, eu me virei para procurar outra máquina de venda automática para assaltar.

Levei alguns minutos para encontrar as máquinas de venda. Ao contrário das de Orlando, estas eram todas perto do banheiro, o que eu achei meio estranho. Tirei o maço de dinheiro e separei as notas mais pequenas.

Um som, como calças arrastando no chão, chamou minha atenção. Olhei por cima do ombro, analisando o corredor mal iluminado. Mais à frente, eu podia ver as janelas de vidro da sala de espera. Depois de congelar ao ouvir por alguns instantes antes de eu dispensar o som, me virei para a máquina, peguei uma garrafa de água e outro saco de batatas fritas.

A idéia de sentar-me durante as próximas horas me fez querer quebrar alguma coisa, então eu peguei minhas guloseimas escassas e me dirigi de volta para fora. Eu meio que gostava do cheiro molhado no ar e a idéia de ficar na chuva não era tão ruim. Seria como uma ducha natural. Mastigando minhas batatas, eu me dirigi ao redor do terminal e passei por uma parada de descanso cheia de caminhoneiros. Nenhum deles assobiou ou fez propostas quando me viu.

Isto, de certa forma, arruinou totalmente minha imagem deles.

Em frente ao ponto de parada de descanso havia mais fábricas. Elas pareciam casas mal assombradas saídas de um reality show - quebradas ou com tábuas nas janelas, ervas daninhas que transbordavam o pavimento rachado e trepadeiras rastejantes ao longo das paredes. Antes de Matt ter decidido que eu era uma aberração gigante, tínhamos ido a uma dessas casas assombradas no carnaval. Pensando sobre isso, eu deveria ter sabido que ele seria um covarde. Ele gritou como uma garota quando o cara saiu no final e perseguiu-nos com uma motosserra.

Sorrindo para mim, eu segui um caminho estreito em torno da parada de descanso e joguei minha garrafa e saco vazios em uma lixeira. O céu estava

cheio de nuvens pesadas e o ronronar alto do motor do trator era reconfortante de uma forma estranha. Em quatro horas, eu estaria em Nashville. Quatro horas mais e eu encontraria...

O som de vidro quebrando me assustou. Meu coração pulou na garganta. Virei-me ao redor, à espera de encontrar uma horda de daimons. Ao invés encontrei dois rapazes. Um deles havia jogado uma pedra através da janela de um edifício de manutenção.

Que rebeldes, pensei.

Movi minha mão para longe de onde eu tinha a pá, empurrando-a para a parte de trás da minha calça, estudando-os. Eles não eram muito mais velhos ou mais limpos do que eu. Um usava um gorro vermelho... em maio. Gostaria de saber se havia algum tipo de situação meteorológica que eu desconhecia. O meu olhar derivou para seu parceiro, cujos olhos saltaram de seu amigo para mim.

E isso me deixou nervosa.

O menino de gorro sorriu. A camisa branca que ele usava se agarrava a sua estrutura esquelética. Ele não parecia estar recebendo refeições por dia.

Nem seu amigo. — Como vai?

Mordi o lábio. — Ótima. Vocês?

Seu amigo deu uma forte e alta gargalhada. — Nós estamos indo bem.

Nós começaram a se formar no meu estômago. Respirando fundo, comecei a caminhar em torno deles. — Bem... eu tenho um ônibus para apanhar.

O garoto dos risos lançou um rápido olhar para o garoto de gorro, e caramba, garoto de gorro assentiu. Dentro de um segundo, ele estava em pé na minha frente e tinha uma faca apontada na minha garganta.

— Nós vimos você com o dinheiro perto dessas máquinas, — disse o garoto

de gorro, — e nós o queremos.

Eu quase não pude acreditar. No topo de tudo, eu estava sendo assaltada.

Era oficial. Os deuses me odiavam.

E eu os odiava.

Capítulo Dez

Numa descrença atordoada, eu levantei as mãos acima da minha cabeça e expirei lentamente.

Aquele *sem* a faca ficou boquiaberto com o seu parceiro. – Cara, o que você está fazendo? Por que você puxou a faca? Ela é apenas uma garota. Ela não vai lutar conosco.

— Cala a boca. Eu estou comandando este show. — O garoto do gorro agarrou o meu braço enquanto ria da minha cara, pressionando a ponta da faca embaixo do meu queixo.

— Isso não era parte do plano! — discutiu o cara que parecia não querer me esfaquear. Eu o olhei esperançosamente, mas ele estava encarando o seu parceiro, suas mãos abrindo e fechando nas suas laterais.

Ótimo , eu pensei, *eu estou sendo roubada por criminosos desorganizados. Alguém definitivamente vai ser esfaqueado e provavelmente serei eu*. Ao invés de medo, eu senti uma pontada quente de aborrecimento. Eu não tinha nem um pouco de tempo para essa merda. Eu tinha um ônibus para pegar, e esperançosamente, uma vida para reclamar.

— Nós te vimos pegando a comida. — ele aproximou a faca da minha garganta. — Nós sabemos que você tem dinheiro. Uma bolada de dinheiro, certo, John? Você deve ter feito muito programa para conseguir esse tipo de dinheiro.

Eu queria me chutar no rosto. Eu deveria ter sido mais cuidadosa. Eu não podia tirar um maço de dinheiro e esperar não ser roubada. Sobreviver a um ataque de daimon apenas para ter minha garganta dilacerada por causa de algumas centenas de dólares? Droga, as pessoas eram uma droga.

— Você me ouviu?

Eu estreitei meus olhos, imaginando que eu tinha cerca de cinco segundos

antes de estourar. — Sim, eu te ouvi.

Seus dedos se enfiaram na minha pele. — Então nos dê o maldito dinheiro!

— Você terá que pegar ele você mesmo. — Meu olhar foi para o amigo dele. — E eu te desafio a tentar.

O garoto do gorro gesticulou na direção do John. — Pegue o dinheiro do bolso dela.

Os olhos do parceiro dele dispararam entre o amigo e eu. Eu esperava que ele se recusasse, porque ele iria se arrepender se não o fizesse. Aquele maço de dinheiro era tudo o que eu tinha. Era a minha passagem para o próximo ônibus. Ninguém iria pegálo.

— Que bolso? — aquele me segurando perguntou. Quando eu não respondi, ele me balançou, e foi isso.

O meu interruptor de cadela foi ligado e, bem, o meu sentido de auto-preservação saiu direto pela janela. Tudo... *tudo* que aconteceu ferveu dentro de mim e explodiu. Estes pretensos bandidos realmente achavam que eu estava com medo deles? Depois de tudo que eu vi? O meu universo ficou vermelho. Eu iria chutar o traseiro deles.

Ri na cara do cara de gorro.

Atordoado pela minha reação, ele abaixou sua faca uma fração de centímetro.

— Você está falando malditamente sério? — Eu arranquei meu braço e agarrei a faca de seus dedos. — Você irá me roubar? — Eu apontei a faca para ele, meio tentada a cutucá-lo com ela. — *A mim?*

— Opa, agora. — John se afastou.

— Exatamente, — eu acenei com a faca. – Se você quer as suas bol...

Um arrepio desceu pela minha espinha, gelado e como um pressentimento. Um senso inato entrou em cena e cada fibra do meu ser gritou um aviso. Foi a

mesma coisa que eu senti antes de ver o daimon na sacada. O pânico perfurou um buraco em meu peito.

Não. Eles não podem estar aqui. Eles não podem.

Mas eu sabia que eles estavam. Os daimons haviam me encontrado. O que eu não conseguia entender era *o porquê* de eles me encontrarem. Eu era apenas uma maldita mestiça. Eu não era nem um lanchinho para eles. Pior ainda, eu era como uma comida chinesa para eles... eles estariam com vontade de éter em algumas horas. O tempo deles seria mais bem gasto caçando puros. Não a mim. Não uma mestiça.

Vendo-me claramente distraída, o cara do gorro aproveitou a vantagem. Ele se atirou para frente, agarrando e torcendo o meu braço até que eu derrubei a faca em sua mão ansiosa. — Você vaca estúpida, — ele sibilou em meu rosto.

Eu o empurrei com a minha mão livre enquanto eu verificava a área. — Você tem que ir! Você precisa ir agora!

O cara do gorro empurrou de volta e eu tropecei para o lado. — Estou cansado de brincar com você. Nos dê o dinheiro ou senão!

Eu recuperei o equilíbrio, percebendo que estes dois eram muito estúpidos para viver. E eu também por estar aqui e tentar convencê-los. — Vocês não entendem. Vocês têm que ir agora. Eles estão aqui!

— Do que ela está falando? — John se virou e observou a escuridão. – Quem está vindo? Red, eu acho que nós deveríamos...

— Cala a boca, — Red disse. A luz da lua apareceu por entre as nuvens pesadas, brilhando na lâmina que ele apontou para o amigo. — Ela está apenas tentando nos assustar.

Parte de mim queria saltar fora e deixá-los lidar com o que eu sabia que iria acontecer, mas eu não podia. Eles eram mortais... mortais obscenamente estúpidos que apontaram uma faca para mim... mas de jeito nenhum eles

mereciam o tipo de morte que estava vindo para eles. Tentativa de roubo ou não, eu não podia deixar isso acontecer. — As coisas que estão vindo vão matar vocês. Eu não estou tentando...

— Cala a boca! — gritou o Red, se virando para mim. De novo a faca estava na minha garganta. — Só cala a boca!

Eu olhei para o John, o mais lúcido dos dois. — Por favor. Você tem que me ouvir! Você precisa ir e você precisa levar o seu amigo. Agora.

— Nem pense nisso, John, — avisou o Red. — Agora vem aqui e pegue esse dinheiro!

Desesperada para tirá-los dali, eu enfiei a mão no bolso e tirei o maço de dinheiro. Sem pensar, eu o enfiei no peito do Red. — Aqui... pegue! Só pegue e vá enquanto vocês ainda podem! Vá!

Red olhou para baixo, sua boca se escancarando. — O que...

Um riso frio e arrogante congelou o sangue nas minhas veias. Red se virou, apertando os olhos para a escuridão. Era quase como se o daimon tivesse se materializado das sombras, porque o local estava vazio um segundo atrás. Ele estava a alguns metros do prédio, sua cabeça inclinada para o lado e seu rosto horrível torcido em um sorriso macabro. Para os meninos, ele parecia um mauricinho com roupas da Gap e uma camiseta pólo... um alvo fácil.

Eu o reconheci como o daimon que eu havia atingido a cabeça com uma lâmpada.

— É isso? — John olhou para Red, visivelmente aliviado. — Cara, nós ganhamos a loteria esta noite.

— Corram, — eu encorajei baixinho, esticando o meu braço atrás de mim e colocando os meus dedos ao redor do cabo da pá de jardim. — Corram o mais rápido que puderem.

Red olhou por cima do ombro para mim, sorrindo com escárnio. — Esse é o

seu cafetão?

Eu nem conseguia responder a isso. Eu me concentrei no daimon, meu coração dobrando de velocidade enquanto ele dava um passo lento e preguiçoso para frente. Algo não estava certo no daimon. Ele estava... muito calmo. Quando a magia elementar assumiu, diversão cintilou sobre o seu rosto calmo.

Então, quando eu tinha quase certeza que eu não podia estar tendo uma semana pior, um segundo daimon apareceu das sombras... e atrás dela estava outro daimon.

Eu estava tão ferrada.

Capítulo Onze

Minha mão ainda estava levantada, apertando os quatrocentos e vinte e cinco dólares juntamente com a minha passagem de ônibus. Talvez fosse o choque que me segurou naquela posição. Meu cérebro rapidamente repassou as lições do Covenant, aquelas que nos ensinaram sobre puro-sangues que experimentavam o éter e se transformavam em seu lado escuro proverbial.

Lição número um: eles não trabalhavam bem juntos.

Errado.

Lição número dois: eles não viajavam em bando.

Errado de novo.

Lição número três: eles não dividiam sua comida.

Errado de novo.

E lição número quatro: eles não caçavam mestiços.

Eu iria chutar um instrutor do Covenant no rosto se eu conseguisse voltar lá viva.

John deu um passo para trás. — Muitas pessoas nisso...

O primeiro daimon ergueu sua mão e uma rajada de vento veio com força do campo atrás do trio. Ele passou pelo caminho de terra, batendo no peito do John, fazendo-o voar pelo ar. John atingiu a parte de trás da parada de ônibus, o seu grito de surpresa cortado pela ruptura de seus ossos. Ele caiu nos arbustos, um pedaço escuro e sem vida.

Red tentou se mover, mas o vento ainda estava vindo. Empurrando-o para trás e atingindo o meu braço. Era como ser pega em um tornado invisível. Notas de cem dólares, um monte de notas de um, e a minha passagem de

ônibus voaram no ar, capturadas e agitadas pelo vento. Um buraco se abriu no meu peito enquanto o vento as levava mais e mais para cima. Era quase como se os daimons soubessem disso, que sem aquelas coisas, eu estava presa. Completamente, malditamente presa.

Lição número cinco: eles ainda podiam controlar os elementos.

Pelo menos os Instrutores do Covenant haviam acertado essa parte.

— O que está acontecendo? — Red recuou, tropeçando em seus próprios pés. — Que diabos está acontecendo?

— Você vai morrer, — disse o daimon com a calça da Gap. — É isso que está acontencedo.

Eu estiquei o braço, pegando o braço mole de Red. — Vamos! Você tem que correr!

Medo prendeu Red no lugar. Eu puxei o braço dele até que ele se virou. Então nós estávamos correndo, eu e o cara que segurou uma faca na minha garganta momentos antes. Um riso sem emoção nos seguiu enquanto nossos pés deixavam o chão de terra e amassavam o gramado.

— Corra! — eu gritei, forçando as minhas pernas até que elas estivessem queimando. — Corra! CORRA!

Red era tão mais lento que eu e ele caiu... várias vezes. Eu brevemente considerei deixá-lo para se cuidar sozinho, mas minha mãe não havia me criado dessa forma. Nem o Covenant. Eu o puxei para ficar de pé novamente e arrastei-o pelo campo. Palavras incoerentes saíam dele enquanto eu o arrastava para frente. Ele estava rezando e chorando... soluçando na verdade. Um relâmpago passou por cima de nós e um trovão nos sacudiu. Outro raio de luz dividiu o céu escuro.

Através do nevoeiro que rolava sobre o campo, eu consegui distinguir as formas dos armazéns além de um conjunto de bordos antigos. Nós tínhamos que chegar lá. Nós podíamos despistá-los, ou pelo menos podíamos tentar.

Qualquer lugar era melhor do que estar aqui no campo aberto. Eu empurrei com mais força... puxando o Red com mais força. Nossos sapatos tropeçaram no mato emaranhado e o meu peito estava doendo, os músculos no meu braço tensos tentando manter Red de pé.

— Mova-se, — eu resfoleguei enquanto nós corríamos embaixo da copa das árvores, passando pela direita. Parecia melhor do que correr em linha reta. — Continue se movendo.

Red finalmente começou a andar comigo. O gorro havia sido removido, revelando uma cabeça cheia de tranças. Nós mergulhamos em torno de uma árvore, os dois tropeçando em raízes grossas e arbustos. Galhos baixos batiam em nós, rasgando nossas roupas. Mas nós continuámos a correr.

— O que... são eles? — Red perguntou sem fôlego.

— Morte, — eu disse, sabendo que não havia melhor maneira de descrevê-los para um mortal.

Red choramingou. Eu acho que ele sabia que eu não estava brincando.

Ele saiu do nada então, batendo em nós com a ferocidade de um trem desgovernado. Eu atingi o chão com o meu rosto primeiro, inalando cuspe e terra. De alguma forma eu mantive o aperto na pá e rolei de costas, rezando para que nós tenhamos sido atacados por um chupacabra ou um minotauro. Nesse momento qualquer um seria bem melhor do que a alternativa.

E eu não era assim tão sortuda.

Eu encarei o daimon enquanto ele pegava o Red e o segurava a alguns centímetros do chão com uma mão. Se contorcendo selvagemente, Red gritou enquanto o daimon sorria, apesar de ele não poder ver a fileira de dentes afiados que eu pude ver. Cheia de pânico e terror, eu fiquei de pé e corri para o daimon.

Antes que eu pudesse alcançá-los, o daimon puxou de volta seu braço livre e uma explosão de chamas cobriu sua mão. O fogo elementar queimava

anormalmente brilhante, mas os buracos dos olhos abertos permaneciam escuros. Aparentemente indiferente ao terror exposto no rosto de Red e de seus gritos aterrorizados, o daimon colocou sua mão em chamas na bochecha de Red. O fogo deflagrou da mão do daimon, engolindo o rosto e o corpo de Red dentro de segundos. Ele gritou até que sua voz foi cortada, seu corpo nada a não ser chamas.

Eu recuei, engasgando em um grito silencioso. O gosto de bílis encheu minha boca.

O daimon derrubou o corpo de Red no chão. No momento em que as mãos dele deixaram o corpo, as chamas sumiram. Ele se virou para mim e riu enquanto a magia elementar cobria sua forma verdadeira.

Meu cérebro se recusava a aceitar a realidade. Ele não era o daimon de Miami ou aquele que havia falado na parte de trás da parada de ônibus. Quatro. Havia quatro deles... *quatro daimons.* Pânico me invadiu com garras limpas e afiadas. Meu coração batia furiosamente enquanto eu recuava, sentindo uma desesperação fria me preencher. Eu me virei e o encontrei de pé na minha frente. Nada se movia mais rápido do que um daimon, eu percebi. Nem mesmo eu.

Ele piscou.

Eu me lancei para o lado, mas ele imitou os meus movimentos. Ele copiou cada passo que eu dava e ria das minhas tentativas patéticas de contorná-lo.

Então ele parou, deixando suas mãos caírem inofensivamente para os lados. — Pobre mesticinha, não há nada que você possa fazer. Você não pode escapar de nós.

Eu apertei o cabo da pá, incapaz de falar enquanto ele dava um passo para o lado.

— Corra, mestiça. — O daimon inclinou sua cabeça na minha direção. — Eu vou gostar da perseguição. E quando eu te pegar, nem mesmo os deuses serão capazes de parar o que eu farei contigo. Corra!

Eu saí correndo. Não importa o quanto de ar eu puxei para os meus pulmões enquanto corria, parecia como se eu não pudesse respirar. Tudo o que eu podia pensar enquanto os galhos arrancavam chumaços do meu cabelo era que eu não queria morrer dessa forma. Não assim. Oh, deuses... não assim.

O terreno se tornou irregular; cada passo mandava uma pontada de dor para a minha perna e através dos meus quadris. Eu escapei das árvores enquanto outro estrondo de trovão afogou cada som exceto o sangue tamborilando nas minhas têmporas. Vendo o contorno dos armazéns, eu forcei ainda mais meus músculos já doloridos. Meus tênis deixaram a terra coberta por mato e bateram em uma fina camada de cascalho. Eu me lancei entre os prédios, sabendo que seja para onde eu fosse eu teria apenas alguns momentos roubados de segurança.

Um dos prédios, o que ficava mais longe da mata, possuía diversos andares enquanto os outros pareciam achatados em comparação. As janelas do piso térreo ou estavam quebradas ou cobertas com tábuas de madeira. Eu diminuí a velocidade, olhando por cima do ombro antes de tentar abrir a porta. Chutei a maçaneta congelada pela ferrugem e a madeira que estava em volta se quebrou e abriu. Eu me abaixei e entrei, fechando a porta atrás de mim.

Meus olhos vasculharam o interior escuro, procurando por algo para assegurar a porta. Demorei vários segundos para que os meus olhos se ajustassem, e quando eles se ajustaram, eu pude perceber as formas das bancadas de trabalho, impressoras, e um lance de escadas. Eu lutei para obrigar meus dedos a parar de tremer enquanto enfiava a pá de volta nas minhas calças. Pegando uma bancada, eu a atirei na direção da porta. O som estridente que ela fez me lembrou o uivo de um daimon, e também parecia fazer as coisas correrem para as sombras. Uma vez que eu havia barricado a porta, eu corri para as escadas. Elas rangiam e mexiam embaixo do meu peso enquanto eu dava dois passos de cada vez, mantendo um aperto mortal no corrimão de metal. No terceiro andar, fui direta para uma sala com um grande conjunto de janelas, esquivando-me de bancos descartados e caixas amassadas. Uma surpreendente compreensão me atingiu quando eu olhei pela janela freneticamente, vasculhando o terreno em busca de daimons.

Se eu não conseguisse chegar em Nashville... se eu terminasse morta esta noite... ninguém nem saberia. Ninguém iria sentir minha falta ou se importar. Meu rosto nem mesmo terminaria na parte de trás da caixa de leite.

Eu enlouqueci.

Deixando o quarto, eu cheguei às escadas raquíticas e continuei subindo até chegar ao piso superior. Correndo pelo corredor escuro, ignorando os gritos assustados. Eu abrir a porta e cai no telhado. A tempestade continuava violenta em cima como se tivesse se tornado uma parte de mim. Um relâmpago cortou o céu, e um estrondo de trovão vibrou pelo meu interior, zombando o ciclone de emoções crescendo dentro de mim.

Indo até a beirada do telhado, eu olhei através do nevoeiro. Meus olhos observaram cada centímetro da mata próxima e dos terrenos onde eu havia acabado de estar. Quando eu não vi nada, corri para cada um dos outros lados e fiz o mesmo.

Os daimons não haviam me seguido. Talvez eles estivessem brincando comigo, querendo que eu acreditasse que eu havia de alguma forma sido mais esperta que eles. Eu sabia que eles ainda estavam lá, brincando comigo como um gato faz com um rato antes de atacá-lo e despedaçar o pobre coitado.

Voltei para o centro do telhado, o vento fazendo o meu cabelo ricochetear no meu rosto. Um relâmpago iluminou o local, lançando sombras longas ao longo do telhado. Ondas de pesar me bateram, juntamente com raiva e frustração. Cada onda me cortava por dentro, abrindo as feridas que nunca realmente se curariam. Curvando-me, eu cobri minha boca com as duas mãos e gritei logo que o trovão rolou através das nuvens escuras.

— Não assim. — Minha voz era um sussurro rouco. — Isso não pode ser assim.

Eu me endireitei, engolindo o caroço em chamas na minha garganta. — Vão se ferrar! Vão se ferrar todos vocês! Eu não vou morrer assim. Não nesse estado, não nesta estúpida cidade e com certeza não neste pedaço de merda!

Uma determinação tão feroz — tão quente e cheia de raiva — queimou pelas minhas veias enquanto eu descia novamente as escadas e ia para o quarto com as janelas. Eu derrubei uma pilha de caixas achatadas. Puxas minhas pernas para cima até o meu peito, eu inclinei minha cabeça para trás contra a parede. Pó revestiu minha pele úmida e minhas roupas, sugando a maior parte da umidade para fora.

Eu fiz a única coisa que eu podia fazer, porque isso não seria o fim para mim. Sem dinheiro e sem passagem de ônibus, eu poderia ficar presa aqui por um tempo, mas isso não era como eu iria partir. Eu me recusava até mesmo a pensar nessa possibilidade. Fechando meus olhos, eu sabia que eu não poderia me esconder aqui para sempre.

Eu corri meus dedos sobre a beirada da pá, me preparando para o que eu teria que fazer quando os daimons viessem. Eu não podia correr mais. Era isso. Os sons da tempestade se dissiparam, deixando uma umidade sufocante, e ao longe, eu podia ouvir o barulho dos caminhões que passavam pela noite. A vida continuava fora destas paredes. Não poderia ser diferente dentro delas.

Eu iria sobreviver a isso.



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar.** Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503

All Creatures of the night get together ***After dark***

Table of Contents

Antes
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze